"Como governador, Arraes tinha algumas características muito peculiares, que valiam para todas as áreas, mas aqui, especialmente, estou chamando a atenção para a ciência e tecnologia. Primeiro, a ciência e a tecnologia como instrumentos fundamentais para atender as necessidades dos mais carentes. Miguel Arraes dizia – falarei um pouco mais tarde sobre isso – que um grande desafio dos técnicos e pesquisadores é exatamente utilizar os seus conhecimentos para resolver os problemas da população. Ele, como governador, mantinha contato estreito com técnicos e cientistas locais em busca de informações, de conhecimento e instituições do Brasil e do exterior".

Sérgio Rezende – Ministro da Ciência e Tecnologia

"Se o povo quer esperanças, esperanças ele traz./Se o povo quer ação, ele sempre satisfaz./Se o povo quer competência, ele é homem capaz./Se o povo quer estadista, aí sim, ele é demais./Se há político de bem, não faz bem como ele faz./Se alguém quer tranqüilidade, ele representa a paz./Com a arma das idéias, resistiu aos generais, sem atacar os contrários, defendeu seus ideais./Quem duvidar da história, abra os livros e os jornais, para ver que em toda luta das camadas sociais, há sempre uma referência de ligações fraternais, um homem que vem do povo com pensamentos iguais./É grande, igualmente a Gandhi com seus gestos tão leais./Na academia do povo, ele é um dos imortais./Na construção da história, edificou catedrais./É o líder maior da gente, não precisa dizer mais./É o líder maior da gente, não precisa dizer mais./Ele é o sonho que se alcança, é a luta que avança, é sinônimo de esperança, é Miguel do Povo Arraes".

Antonio Marinho – Poeta Popular (letra da música da Campanha de 1994)

"Hoje, a América do Sul, a América Latina, o Brasil, o Nordeste brasileiro, vivem um momento político em que o pensamento e a obra do Doutor Arraes estão na cabeça, no sonho e no desejo do nosso povo. Nunca foi tão atual o pensamento, o sonho e a luta que sempre marcou a vida do nosso guerreiro, do homem que muito nos ensinou a todos. É por isto que nesta instalação fala o artista; o escritor; numa figura como Ariano Suassuna; aqui recita um companheiro da minha geração, como Marinho. Aqui fala Sérgio Rezende em nome desta instituição, em nome da cidade, em nome do sistema nacional de ciência e tecnologia. Mostra a relação que eles tiveram e como se encontraram com o governador Arraes".

Eduardo Campos – Governador de Pernambuco

"Havia também no Doutor Arraes um grande fascínio pela ciência. Isso eu pude também constatar em várias e diletantes conversas com cientistas, os mais diferentes, pessoas que visitavam o estado, pessoas da universidade ou algumas pessoas que ele se preocupava em conhecer porque ficava sabendo de alguns resultados de seus estudos ou de suas pesquisas que poderiam interessá-lo. Passava muitas horas conversando com estas pessoas e curiosamente lia os textos que lhes eram apresentados. De uma forma muito astuta, questionava-os profundamente".

Lucia Melo – Presidente do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos

FUNDAÇÃO JOÃO MANGABEIRA

www.fjmangabeira.org.br

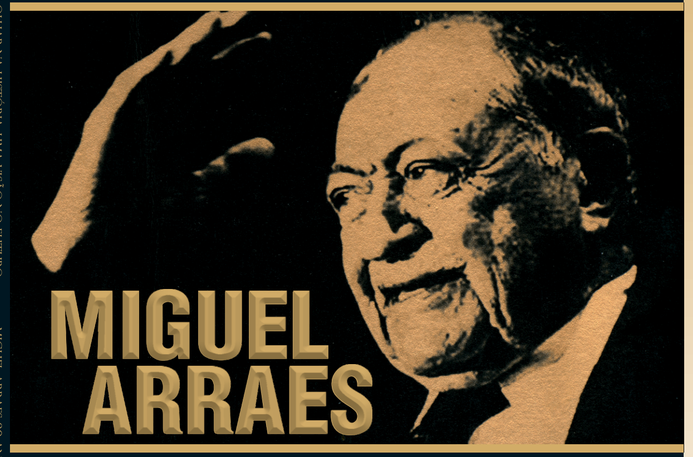
IMA – Instituto Miguel Arraes

UFPE – 60 anos

ISBN 978-85-60441-01-3

UM OLHAR NA HISTÓRIA, UMA VISÃO NO FUTURO MIGUEL ARRAES 90 ANOS

UM OLHAR NA HISTÓRIA, UMA VISÃO NO FUTURO



MIGUEL ARRAES

90 ANOS

Fundação João Mangabeira

"Sem dúvida, são homenagens merecidas a um homem que, como poucos, foi conhecedor de sua terra e de sua gente, que lutou arduamente para conduzi-las a um novo patamar de consciência, de dignidade e de desenvolvimento. Homem de diálogo e de profundas convicções humanísticas, arguto no conhecimento da realidade do Brasil e do mundo, sempre atento e promotor do verdadeiro sentido das mudanças sociais, políticas e econômicas. No entanto, teve um profundo senso prático e consciência das limitações do poder que chegou a alcançar e, não podendo realizar as transformações estruturais pelas quais sempre lutou, soube, como ninguém, atar as feridas desta parcela da humanidade que existe aqui no Nordeste e na terra de Abreu e Lima, em Pernambuco, e sobre elas lançar um pouco de azeite e de vinho para mitigar o sofrimento dos desamparados".

Carlos Siqueira – Presidente da Fundação João Mangabeira

"Doutor Arraes foi uma pessoa presente na nossa instituição e demais universidades deste Estado, contribuindo como parlamentar e como governador para que pudéssemos cumprir a nossa missão, sempre se baseando no princípio de igualdade e de justiça social. Dessa forma, pudemos desenvolver programas, alavancar projetos, de forma geral voltados para a melhoria de condição do povo do nosso estado".

Amaro Lins – Reitor da Universidade Federal de Pernambuco

"O que eu quero dizer como depoimento... esse mesmo interesse que já se demonstrou aqui que Doutor Arraes tinha pela Ciência, ele tinha pela Cultura. Ele tinha um enorme respeito pela Cultura, dava a ela uma importância enorme. No dia em que ele formulou mesmo o convite, eu estava com medo. Primeiro, porque era uma responsabilidade muito grande e eu disse: "Doutor Arraes, eu estou com um medo tão grande, porque nos tempos de hoje, basta a pessoa exercer um cargo público, para ficar sob suspeita; eu tenho medo. Não que vão achar que sou ladrão, mas tenho medo que roubem sem eu saber". Dona Madalena que tem um bom senso enorme, disse: "Não, Ariano, se a sua preocupação é esta, você pode aceitar, porque lá não tem dinheiro, não. Você não vai poder ser acusado porque não tem o que roubar lá".

Ariano Suassuna – Dramaturgo e Poeta

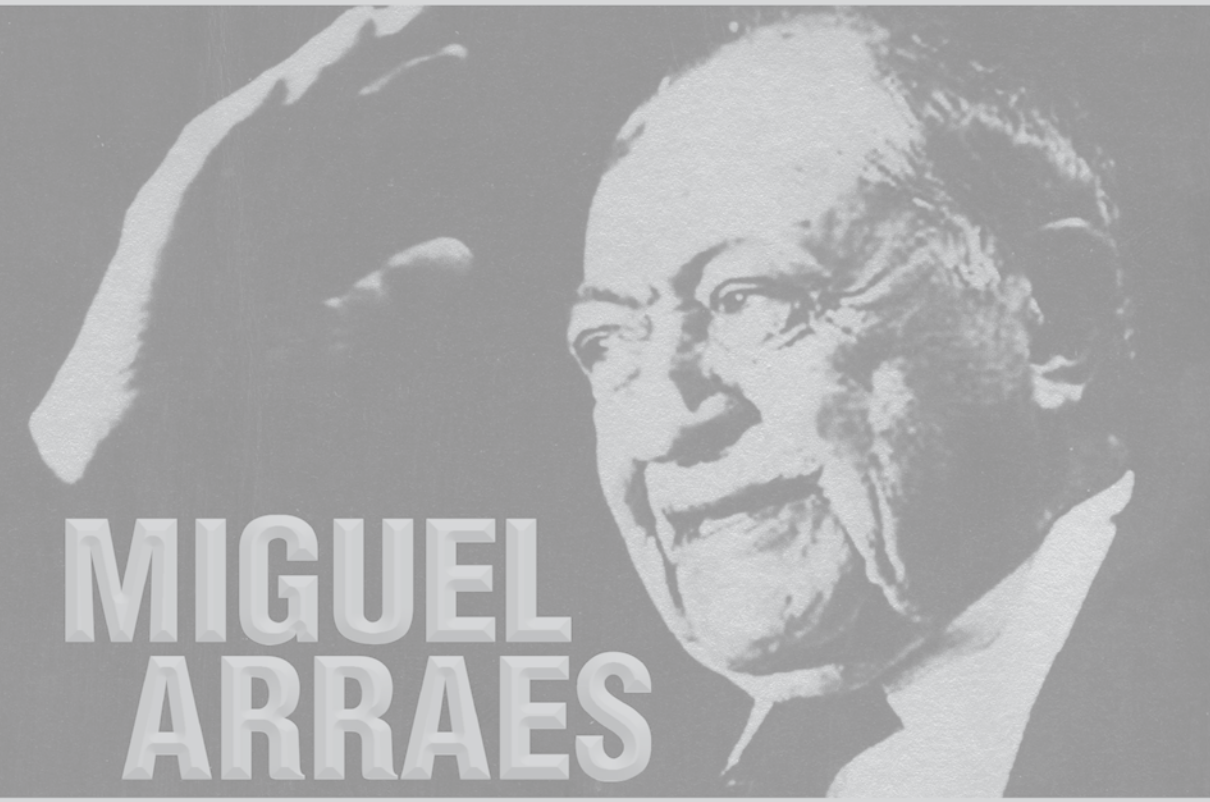
"A preservação do acervo de Miguel Arraes, do que escreveu, do que viveu, por meio dos documentos em papel, de filmes, de fotos, de discos, tudo isso é suporte importante para a história e a vivência possível das gerações por vir. Claro que nós da família temos o maior interesse e carinho por essa preservação, mas é preciso que ela seja feita para que as gerações futuras, aqueles que não o conheceram, que não privaram da sua intimidade e da sua luta, possam também saber o que aconteceu. E, sobretudo, que o caminho que ele traçou, o caminho que ele trilhou sirva, de alguma maneira, de força e de exemplo para as gerações vindouras. Por isso, estamos todos aqui, gratos e alegres, porque a vida é alegria, a vida continua e vamos continuar com essa missão e essa herança".

Dona Madalena Arraes – Presidente do Instituto Miguel Arraes (IMA)

"Considero Miguel Arraes um pensador político, não o coloco como um simples líder político, ele foi além. Pela ótica do PCdoB consideramos Miguel Arraes, uma das lideranças de esquerda mais importantes do nosso país. A vida de Arraes é dedicada integralmente às causas populares, democráticas e nacionalistas. Miguel Arraes, posso dizer, também, que foi o último sobrevivente daquela plêiade de políticos que desde a década de 1950 e 1960 sonhou em construir um país soberano e mais justo para o seu povo".

Renato Rabelo – Presidente Nacional do Partido Comunista do Brasil

UM OLHAR NA HISTÓRIA, UMA VISÃO NO FUTURO



MIGUEL ARRAES

90 ANOS

Fundação João Mangabeira

Fundação João Mangabeira

SHIS QI 5 Conjunto 2 Casa 2
CEP 71615-020 – Lago Sul – Brasília, DF
Telefax: (61) 3365-4099/3365-5277/3365-5279
www.fjmangabeira.org.br

DIRETORIA EXECUTIVA

Diretor Geral: *Carlos Siqueira*
Diretora Administrativa: *Carmen Soriano Puig*
Diretor de Assessoria: *Marcos Rezende Villaça Nunes*
Diretor de Cursos: *José Carlos Sabóia*
Diretor Financeiro: *Renato Xavier Thiebaut*

CONSELHOR CURADOR

Membros natos

Deputado Eduardo Henrique Accioly Campos
Carlos Siqueira
James Lewis Gorman Jr.
Alexandre Aguiar Cardoso
Ministro Sérgio Machado Resende

Membros eleitos pelo Diretório Nacional do PSB

Deputada Luiza Erundina de Sousa
Roberto Amaral
Prefeito Serafim Fernandes Corrêa
Kátia Born Ribeiro
Mari Elisabeth Trindade Machado
Antônio César Russi Callegari
Adilson Gomes da Silva
Álvaro Cabral
Carlos Eugênio Sarmento Coelho da Paz
Silvânia Medeiros

Membros eleitos pelo Conselho Curador

Jaime Wallwitz Cardoso
Dalvino Trocolli Franca

Suplentes

Paulo Blanco Barroso
Elaine Breintebach
Paulo Bracarense
Joe Carlo Vianna Valle
Manoel Antônio Vieira Alexandre

CONSELHO FISCAL

Cacilda de Oliveira Chequer
Auxiliadora Maria Pires Siqueira da Cunha
Antônio Marlos Ferreira Duarte

Suplentes

Marcos José Mota Cerqueira
Dalton Rosa Freitas

Ficha catalográfica

Um olhar na história, uma visão no futuro. Celebração dos 90 Anos de Miguel Arraes.
Brasília : Fundação João Mangabeira (FJM), 2007.

Anais do Seminário realizado em Recife, PE, em 12 a 15 de dezembro de 2006.

108 p. 22 cm.

ISBN 978-85- 60441-01-3

1. Líderes Políticos. I. Fundação João Mangabeira (FJM). II. Título

CDU 324

UM OLHAR NA HISTÓRIA, UMA VISÃO NO FUTURO

Miguel Arraes
90 anos

Recife, fevereiro de 2007

Programação

15 DE DEZEMBRO DE 2006. Data dos 90 anos de Miguel Arraes. Um olhar na história, uma visão no futuro. Para lembrar deste importante marco, a Fundação João Mangabeira (FJM) e o IMA (Instituto Miguel Arraes) convidam você para uma série de eventos comemorativos. Uma homenagem mais do que justa a um homem que dedicou sua vida à luta pela emancipação nacional e à defesa dos excluídos.





A autora com a deputrada Ana Arraes

Dia 12/12 (terça-feira), as 19h, na Livraria Cultura, do Paço Alfândega – Bairro do Recife
Coquetel de lançamento do livro ARRAES, de Tereza Rozowykwiat (Editora Luminuras)



Dia 14/12 (quinta-feira), às 8h30min, no Centro de Convenções
da FPE – Campus Universitário da UFPE – Recife
Realização do Seminário Miguel Arraes 90 Anos. Um olhar na história, uma visão no futuro



Dia 15/12 (sexta-feira), às 19h, no Auditório Frederico Simões Barbosa – Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães (CPQAM) – Campus Universitário da UFPE – Recife
Palestra e descerramento de placa em homenagem a Miguel Arraes pelos relevantes serviços prestados à Universidade Federal de Pernambuco e pela valiosa contribuição junto ao Laboratório de Imunopatologia Keizo Azami (LIKA) para a criação dos laboratórios de Genômica e Proteômica. (Este evento integra as comemorações dos 20 anos do LIKA)





Dia 15/12 (sexta-feira), as 19h30min, na Igreja de Casa Forte – Recife
Celebração de missa em homenagem ao aniversário de 90 anos de Miguel Arraes

Realização: *Fundação João Mangabeira (FJM)*
Instituto Miguel Arraes (IMA)
Apoio: UFPE – 60 anos



Sumário

Apresentação, p. 11

- CARLOS SIQUEIRA – Presidente da Fundação João Mangabeira (FJM), p. 13, 18
- AMARO LINS – Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, p. 15
- DONA MADALENA ARRAES – Presidente do Instituto Miguel Arraes (IMA), p. 17
- RENATO RABELO – Presidente Nacional do Partido Comunista do Brasil, p. 19
- ANTÔNIO MARINHO – Poeta Popular, p. 25, 76
- SÉRGIO REZENDE – Ministro de Estado da Ciência e Tecnologia, p. 27
- ARIANO SUASSUNA – Dramaturgo e Poeta, p. 68
- EDUARDO CAMPOS – Governador eleito de Pernambuco, p. 81
- LÚCIA MELO – Presidente do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, p. 84

Presenças registradas, p. 101

Apresentação

A história vem, com recorrência crescente, demonstrando que os avanços, em todos os planos da vida das sociedades, se dão graças à ação obstinada dos homens, em consonância com a visão de futuro assumida por algumas de suas mais iluminadas lideranças.

No caso concreto do Brasil, quanto mais se ampliam e se aprofundam as descidas na vida nacional, no último meio século, e se procura identificar os fatores decisivos dos seus principais acontecimentos, mais se torna relevante o papel de Miguel Arraes de Alencar, não só pelas idéias e propostas que defendeu com sua singular veemência, mas também por sua presença destacada nas ações de massa e institucionais nos processos de transformação da sociedade brasileira e, sobretudo, pela sensibilidade que sempre revelou ao ligar o presente às perspectivas do futuro, na busca de reduzir ou eliminar as abissais desigualdades sociais e regionais de que o nosso país é um dos campeões em todo o mundo.

Com uma vida pública vinculada aos interesses da sua terra e da sua gente, tudo o que fazia – no exercício de mandatos no Executivo ou no Legislativo, nos discursos improvisados ou lidos, nas obras que escreveu, nas ações que comandou – tinha o selo da seriedade, do compromisso e da responsabilidade. É o que, uma vez mais, se pode constatar ao ter acesso às diversas manifestações aqui reunidas, em livro, pela Fundação João Mangabeira (FJM), oriundas do Seminário 90 Anos de Miguel Arraes. Um olhar na história, uma visão no futuro.

Carlos Siqueira
Presidente da Fundação João Mangabeira (FJM)

Miguel Arraes 90 Anos



CARLOS SIQUEIRA

Presidente da Fundação João Mangabeira (FJM)

Querida Dona Madalena Arraes, em nome de quem saúdo todos os integrantes da mesa, é com satisfação e orgulho que a Fundação João Mangabeira (FJM) se associa aos amigos, aos familiares, aos admiradores e aos correligionários de Miguel Arraes para promover este evento, que dá seqüência a uma série de celebrações que acontecem durante esta semana aqui no Recife, visando homenagear o grande brasileiro e admirável político, Miguel Arraes de Alencar.

Sem dúvida, são homenagens merecidas a um homem que, como poucos, foi conhecedor de sua terra e de sua gente, que lutou arduamente para conduzi-las a um novo patamar de consciência, de dignidade e de desenvolvimento. Homem de diálogo e de profundas convicções humanísticas, arguto no conhecimento da realidade do Brasil e do mundo, sempre atento e promotor do verdadeiro sentido das mudanças sociais, políticas e econômicas. No entanto, teve um profundo senso prático e consciência das limitações do poder que chegou a alcançar e, não podendo realizar as transformações estruturais pelas quais sempre lutou, soube, como ninguém, atar as feridas desta parcela da humanidade que existe aqui no Nordeste e na terra de Abreu e Lima, em Pernambuco, e sobre elas lançar um pouco de azeite e de vinho para mitigar o sofrimento dos desamparados.

Por isso, o Instituto Miguel Arraes (IMA) que, nesta ocasião, é inaugurado, não se destina a ser um museu do seu patrono. Ele é concebido como instituição sem fins lucrativos, atuante nas linhas e princípios dos ideais por ele defendidos, chamado a integrar o mundo acadêmico com as três esferas de governo, com as organizações da sociedade civil, com os meios científicos, com o meio político e os partidos, em particular, com o Partido Socialista Brasileiro e a Fundação João Mangabeira (FJM), instituições às quais ele dedicou seus últimos 15 anos de vida.

Por isso, a ausência física de Miguel Arraes não é apenas motivo de um adeus sentimental, mas nos chama a aprofundar o conhecimento do quanto fez e disse, e dele extrair o sentimento dinâmico capaz de orientar e iluminar o futuro.



AMARO LINS

Reitor da Universidade Federal de Pernambuco

Bom-dia a todos. Em nome da nossa universidade eu gostaria de dar boas-vindas aos participantes, nesta celebração em homenagem ao ex-prefeito, governador e deputado federal Miguel Arraes de Alencar.

É com alegria que cumprimento o dr. Carlos Siqueira, Presidente da Fundação João Mangabeira (FJM). Cumprimento Dona Madalena Arraes e parabenizo-a pelo seu aniversário. Gostaria de cumprimentar, também, seus filhos e do Doutor Arraes, parentes e familiares presentes a essa cerimônia e peço licença aos demais componentes da mesa para cumprimentá-los na sua pessoa.

Quero cumprimentar, então, todos os presentes, autoridades e demais convidados e dizer da imensa satisfação da nossa universidade, no ano em que completa 60 anos, ao associar-se à Fundação João Mangabeira (FJM) e ao Instituto Miguel Arraes para fazer esta justa homenagem e celebração dos 90 anos do grande cidadão brasileiro, político e exemplo a ser seguido, Doutor Miguel Arraes de Alencar.

As razões são muitas para isso, pois o Doutor Arraes representou o exemplo de cidadão comprometido com a construção de uma sociedade justa e desenvolvida. Ele sempre teve nas suas idéias a educação, a ciência e a tecnologia como molas e elementos-chave para construir este desenvolvimento, no qual todos os cidadãos brasileiros sejam partícipes dos seus benefícios.

Como governador deste Estado, o Doutor Arraes implementou políticas importantíssimas de educação, ciência e tecnologia, com a criação da Secretaria de Ciência e Tecnologia e da Facepe (Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco). Foi uma pessoa presente na nossa instituição e demais universidades deste Estado, contribuindo como parlamentar e como governador para que pudéssemos cumprir a nossa missão, sempre se baseando no princípio de igualdade e de justiça social. Dessa forma, pudemos desenvolver programas, alavancar projetos, de forma geral voltados para a melhoria de condição do povo do nosso estado.

Assim, eu gostaria, em nome da nossa universidade e na pessoa de Dona Madalena Arraes, de prestar essa justa homenagem e agradecer postumamente ao Doutor Arraes por tudo aquilo que desenvolveu. Deixou sementes muito profundas no nosso Estado, agora representado pelo governador Eduardo Campos que, com certeza, saberá dar prosseguimento à concretização de muitos sonhos tão importantes, que o Doutor Arraes acalentou e transformou em realidade.

Quero parabenizar a família do Doutor Arraes neste momento e dizer que esta universidade sempre será solidária com os ideais dele de construir um mundo novo.



DONA MADALENA ARRAES

Presidente do Instituto Miguel Arraes

Em primeiro lugar, minha saudação na pessoa do reitor da Universidade Federal de Pernambuco, Amaro Lins. Minha saudação extensiva a todos que compõem esta mesa, ilustres e queridas presenças de amigos que se deslocaram de muitos pontos do Brasil para virem, hoje, apoiar esta manifestação que é muito carinhosa e para a família extremamente cara.

O sentido de estarmos aqui é a continuidade da vida. A vida não se encerra com a morte, a vida continua. E nós, que somos a família de Miguel Arraes e, também, todos aqueles que participaram com ele das suas lutas, das suas vitórias, dos seus momentos difíceis, hoje, de alguma maneira, estão aqui representados apoiando este movimento. Noventa anos seria uma vida mais longa um pouco, mas como digo, ela não acabou, a vida continua por intermédio dos filhos, dos netos, dos bisnetos, de todos os descendentes que virão. E muito mais, de muita gente desse povo pernambucano que acompanhou, vibrou,

sofreu e está aqui presente, por meio de seus representantes, sempre ao lado dessa luta. Tudo isso precisa ser propagado, conservado, transmitido ao longo do tempo. Nós que estamos aqui guardamos essa memória, mas é preciso que ela continue e este é o sentido do Instituto Miguel Arraes, que ora se funda.

A preservação do acervo de Miguel Arraes, do que escreveu, do que viveu, por meio dos documentos em papel, de filmes, de fotos, de discos, tudo isso é suporte importante para a história e a vivência possível das gerações por vir. Claro que nós da família temos o maior interesse e carinho por essa preservação, mas é preciso que ela seja feita para que as gerações futuras, aqueles que não o conheceram, que não privaram da sua intimidade e da sua luta, possam também saber o que aconteceu. E, sobretudo, que o caminho que ele traçou, o caminho que ele trilhou sirva, de alguma maneira, de força e de exemplo para as gerações vindouras. Por isso, estamos todos aqui, gratos e alegres, porque a vida é alegria, a vida continua e vamos continuar com essa missão e essa herança.

CARLOS SIQUEIRA

Como todos sabem, Miguel Arraes era um homem de multifacetas e aqui decidimos trazer apenas três pessoas de diferentes setores, representando diferentes segmentos da sociedade que falarão do Arraes político, da relação de Arraes com a cultura e com a ciência e tecnologia. Ninguém melhor para fazer isso do que um político, que neste caso será o presidente nacional do Partido Comunista do Brasil, um grande companheiro e amigo de Miguel Arraes, Renato Rabelo. Também ninguém melhor para fazer isso na área de ciência e tecnologia do que o nosso companheiro e amigo de Miguel Arraes, ex-secretário de Ciência e Tecnologia de Pernambuco e atual ministro de Ciência e Tecnologia, professor Sérgio Rezende. E, ninguém melhor para falar de Miguel Arraes na sua relação com a cultura do que o grande mestre Ariano Suassuna, que não precisa de maior qualificação senão da palavra mestre, com quem temos a honra de contar neste ato.

Então, nesta seqüência, passarei a palavra com muita alegria e satisfação ao companheiro Renato Rabelo, que neste ato representa o presidente da Câmara dos Deputados, o companheiro Aldo Rebelo que não pôde comparecer por causa da instalação do Parlamento do Mercosul, para fazer a sua exposição.



RENATO RABELO

Pres. Nacional do Partido Comunista Brasil

Em primeiro lugar, meus cumprimentos a esta mesa e a este ato, uma mesa tão representativa, à qual me dirijo inicialmente cumprimentando o presidente da Fundação João Mangabeira (FJM), Carlos Siqueira, e, muito especialmente, o nosso cumprimento a Dona Madalena Arraes, presidente do Instituto Miguel Arraes, que ora se funda, através dos quais cumprimento toda a mesa e me dirijo a esse auditório.

Companheiros, companheiras, amigos e amigas, não sou exatamente a pessoa com a capacidade para exprimir o que foi o político Miguel Arraes. Considero Miguel Arraes um pensador político, não o coloco como um simples líder político, ele foi além. Pela ótica do PCdoB consideramos Miguel Arraes, uma das lideranças de esquerda mais importantes do nosso país. A vida de Arraes é dedicada integralmente às causas populares, democráticas e nacionalistas. Miguel Arraes, posso dizer, também, que foi o último sobrevivente daquela plêiade de políticos que desde a década de 1950 e 60 sonhou em construir um país soberano e mais justo para o seu povo.

Lembro-me da volta do exílio, Miguel Arraes aqui no Brasil juntamente com João Amazonas e Leonel Brizola, a demonstração da coerência, da perseguição de grandes objetivos, da luta por grandes causas que compõem a luta desses homens políticos da década de 1950. Miguel Arraes se destacou porque atravessou um longo período participando de toda luta recente, da luta política pós-anistia, teve um papel de destaque na luta política do estado e na luta política nacional.

Miguel Arraes iniciou a sua carreira política – podemos dizer – em 1948 já numa experiência importante na Secretaria da Fazenda, aqui no governo do estado de Pernambuco, no Governo Barbosa Lima Sobrinho; elegeu-se e reelegeu-se deputado estadual. Miguel Arraes se destaca nesta luta política no estado como uma liderança e um precursor dessas forças políticas nascentes, progressistas de Pernambuco; estas forças nascentes constituídas de trabalhadores, industriais, inclusive, industriais progressistas, que formavam uma ampla frente de luta contra as oligarquias atrasadas do estado. Portanto, Miguel Arraes surge como essa liderança, como a expressão dessas forças novas no começo da década de 1950. Forças ascendentes, portanto, e Miguel Arraes vai assumindo a liderança em um papel importante em Pernambuco. Poderíamos dizer até de uma união dessa burguesia nascente com os trabalhadores.

Vocês sabem que um acontecimento importante aqui no estado de Pernambuco, data de 1958, com a liderança de Cid Sampaio, um industrial e usineiro se alia a forças progressistas, a forças avançadas. Miguel Arraes teve um papel importante já neste período, em que Prestes recém-saído da clandestinidade vem para Pernambuco, juntamente com Cid Sampaio participar desse movimento avançado, progressista, demonstrando essa aliança trabalhador-burguesia. Este é um fato auspicioso para o Brasil daquela época. E Arraes evidentemente se projeta nesse movimento, nessa ascensão de forças novas que surgem aqui no Estado.

É por aí que Arraes consegue chegar à prefeitura de Recife. Ele se elege prefeito de Recife numa frente congregando desde trabalhadores a empresários, numa frente ampla, política, representativa, sempre em luta e contra as oligarquias, as forças reacionárias e atrasadas.

O que é interessante nessa época? Arraes é sempre uma força avançada na luta também contra os obscurantistas, contra os anticomunistas. Um dado que destaco na experiência dos comunistas é que Arraes sempre foi um aliado dos comunistas, das forças mais avançadas em nosso país.

A trajetória de Arraes é essa expressão de uma ampla frente política avançada e sempre na busca de derrotar a oligarquia. À frente da prefeitura do Recife, ele tem a coragem de indicar para compor seu secretariado dois comunistas que à época sofriam grandes pressões e intimidações para que isso não acontecesse. Quero recordar as figuras de Hiran Pereira e Aluízio Falcão, este último indicado para a Secretaria da Cultura, e Hiran Pereira para a Secretaria de Administração. Ou seja, Arraes é sempre este homem que vai abrindo caminho, rompendo horizontes.

Fato também significativo que podemos acentuar é que Arraes inaugura, de uma certa forma, aquilo que podemos chamar de um programa democrático e popular. Destaca-se à frente da prefeitura a formação de um movimento de cultura popular que conseguiu grandes êxitos na massificação da alfabetização de adultos, em que havia frases que essas pessoas aprendiam dizendo o seguinte: “o voto pertence ao povo”. “Um trabalhador, num sindicato de trabalhadores, é um homem forte”. “A terra pertence àqueles que nela trabalham”. Era, portanto, uma fase nova, uma fase progressista, inaugurada por Arraes.

Mas importante e digno de nota foi, sobretudo, sua eleição em 1962 para o governo de Pernambuco. Também uma ampla frente política elege Arraes num momento em que as forças populares e democráticas em todo o país chegavam a um nível de ascenso importante da luta política. Esse é um período decisivo em que Arraes assume uma postura cada vez mais conseqüente, democrática, patriótica, contra essas forças oligárquicas e contra a reação. Esse período da eleição de Arraes para o governo de Pernambuco é de uma luta política dura e radical, período em que cresce a luta contra o comunismo, o anticomunismo se exacerba. Aqui, os opositores tentavam fazer uma caricatura de Arraes, tentando mostrá-lo como um comunista. Faziam-se aqui durante a campanha réplicas do

Muro de Berlim, panfletos apócrifos. Arraes vestido com rosários e foice. É uma campanha dura que Arraes consegue vencer por treze mil votos, contra João Cleofas. Mas o fato significativo é que a esquerda, pela primeira vez, chega ao governo do estado de Pernambuco.

Arraes assume uma posição digna ao lado do povo, no momento em que havia a tentativa da reação de radicalizar a luta política, quando havia a tentativa das forças reacionárias de terem um controle maior da situação em todo o país. De certa maneira, a vitória de Arraes em Pernambuco é a instalação de um governo de sentido democrático e nacional, num quadro nacional em que a luta política se radicalizava crescentemente pelas bandeiras da reforma agrária, pelos direitos do povo, pela soberania do país. Ganha vulto a luta pelas reformas de base, em que Arraes assume um papel destacado de liderança que vai além de Pernambuco, um papel nacional em prol das reformas de base.

Nesse momento, se dá a preparação do golpe de Estado, do golpe militar de 1964. E Arraes é um dos primeiros a prevê-lo. Existem passagens e fatos históricos importantes que relatam que Arraes dizia para João Goulart: “Nós estamos diante da preparação de um golpe”. No comício de 13 de março de 1964, na Central do Brasil, em que Arraes foi um dos oradores principais, ele já previa isso. Ele nos dizia que este era um comício em que não poderíamos tomar uma posição tão radical porque isso seria a senha para a reação e uma senha para o golpe. Arraes tinha plena consciência daquele momento, em que deveríamos fazer o comício levantando os direitos do povo, destacando os anseios do povo naquele momento, mas sem radicalização, para que não servisse de pretexto a nada e a ninguém. Ele tinha consciência do que acontecia, do que se aproximava. Este é um fato também importante neste período.

Assim, na madrugada de 31 de março o movimento militar se instala como Arraes previa. Aqui em Pernambuco, ele não concorda em ser deposto pelo movimento militar: “Recebi meu mandato do povo, somente ele poderá tirá-lo de mim, permanecerei aqui com minha família”. Arraes fora destituído pelo regime ditatorial, consegue o *habeas corpus* em 1965 e passa um grande período de exílio fora do país.

Tive oportunidade de conhecer Arraes no exílio, estive um tempo exilado na França. É exatamente neste momento, no exílio, que tínhamos, além de mais tempo, oportunidade juntamente com alguns companheiros de nosso partido, como João Amazonas e Arruda Câmara, de termos longas conversas. Assim, começamos, e eu pessoalmente, a conhecer melhor Miguel Arraes. Um homem estudioso, um pesquisador e, por isso, digo que Miguel Arraes não é simplesmente uma liderança política significativa, é um pensador político, pois foi sempre um homem estudioso preocupado em aprofundar questões. Sempre preocupado com os grandes problemas e questões estruturais de nosso país e com os grandes problemas do mundo daquela época.

Arraes volta ao nosso país em 1979 e continua seu trabalho; se elege novamente duas vezes governador deste Estado e passa a ter um papel de liderança nacional. O PSB, Partido Socialista Brasileiro, com a presença de Arraes acaba tendo uma grande dimensão. Ele segue com seu trabalho de liderança política e de grande pensador de nossos problemas.

Quero aqui destacar para esta platéia que, em primeiro lugar, consideramos o Arraes um grande amigo, um grande aliado do Partido Comunista do Brasil. Arraes sempre foi comprometido com as grandes causas do nosso país, ele era sempre um defensor e um estudioso de um projeto para o Brasil; não se perdia nas questões de varejo, nos problemas somente imediatos, ele tinha essa capacidade de conciliar as questões teóricas, as questões de longo prazo com os problemas práticos e imediatos, considero isso uma questão rara entre os políticos, essa capacidade de combinar teoria com prática, combinar pensamento com ação concreta, combinar grandes objetivos com a capacidade de governar. Isso é raro, isso não é para qualquer um. Vínhamos aqui no Palácio e ele, nos momentos de folga, descia e ia conversar conosco, citava uma série de livros, de trabalhos que estava lendo, que estava acompanhando, ligados às questões mais variadas. Era um homem dedicado à ciência e às questões políticas. Por isso, essa combinação a que me refiro entre o pensador e o político, entre a teoria e a prática, entre essa capacidade de ver os grandes objetivos, de governar de forma prática, isso é raro. Esta é uma qualidade importante de Miguel Arraes.

Além disso, destaco também em Miguel Arraes um grande compromisso com o povo. Era um apaixonado pelo nosso povo, sempre levantava problemas que o povo vivia, questões atuais; era um homem arguto que se identificava muito com os problemas do dia-a-dia, problemas que nós, às vezes, nem notávamos. Ele chegava e dizia o que acontecia aqui, numa cidade, num município pequeno que fosse, o que se passava com o povo, o que se passava aqui com os camponeses de Pernambuco, os problemas do estado e os problemas de nosso país; ele tinha essa grande capacidade de se identificar com os problemas pequenos, mas de grande importância para nosso povo. Portanto, este compromisso na ligação com o povo, essa identificação com o povo, com as causas do povo, com os problemas do dia-a-dia do povo, essa era uma outra característica importante de Arraes. Além do mais, Arraes tinha uma grande cultura, como eu disse, era um estudioso, se dedicava ao estudo de temas nacionais e temas candentes, era um homem sempre preocupado em enfrentar estas grandes questões do nosso país e foi um atento defensor de desbravar caminhos para nosso país, sobretudo, nessa fase mais recente da luta contra o neoliberalismo, pois foi um destacado combatente nesse sentido, numa compreensão que ia além do Brasil. Arraes tinha uma ampla compreensão de que o Brasil não estava só no mundo, que integrava o cenário mundial.

E esse político notável sempre me chamava a atenção. Arraes ouvia e levava muito tempo ouvindo, prestando atenção no que se dizia. É interessante, porque eu fazia essa comparação, políticos assim de grande renome, às vezes têm dificuldade de ouvir. Você fala e essas pessoas quase não ouvem. Mas o Arraes levava muito tempo a ouvir o que se dizia, era atento ao que se dizia. Essa é uma particularidade importante de Arraes.

Quero destacar, para concluir, que Arraes sempre foi um homem coerente, muito digno. Isto é importante para nós, companheiros, companheiras, amigos, amigas. Um homem de elevada dignidade, Arraes era um grande amigo dos comunistas, sempre foi amigo do nosso partido e isto é um fator importante de coerência dele. Sempre destacamos Arraes como grande amigo. Para nós, comunistas, a categoria fundamental em política é a aliança. Sem aliança,

na compreensão dos comunistas, não chegaríamos a lugar nenhum, porque a nossa sociedade é complexa, heterogênea, existe diversidade e pluralismo. Arraes sempre foi um grande aliado dos comunistas. Na sua trajetória a sua marca sempre foi essa coerência com as forças progressistas e avançadas. O testemunho que o PCdoB tem é que o Arraes sempre foi um amigo leal, um aliado sempre leal e esse amigo foi um político que para nós é fundamental. Os grandes empreendimentos e as grandes transformações dependem de homens do quilate de Arraes. Sem isso, não chegaremos às grandes transformações. A coerência, a capacidade de ver os grandes objetivos, as grandes causas, se o Brasil não contar com homens dessa estatura, não chegará a lugar algum. E Arraes nos deixa um grande legado nesse sentido.

Acho que as obras de Arraes, os gritos de Arraes têm de ser compilados, porque é um exemplo para a geração atual. Essa geração que busca esse empreendimento transformador. E Arraes é o exemplo e um grande ator e autor nesse sentido. Portanto, viva a memória de Miguel Arraes.



ANTÔNIO MARINHO

Poeta Popular

Bom-dia a todos. Na pessoa do Mestre Ariano e de Dona Madalena, cumprimento a mesa, cumprimento todos os presentes. É redundância dizer que sempre me emociono, quando falo em Doutor Arraes.

É redundância dizer que a história da minha família se confunde com a trajetória política de Miguel Arraes. Eu vim aqui mais uma vez trazer o meu abraço ideológico, meu abraço de admiração e meu abraço de esperança a essa família, a esse homem que contribuiu como poucos para a humanidade.

Eu vim aqui chamar uma pessoa que muito me orgulha poder chamar de amigo e companheiro, e eu o chamarei com a música que a minha mãe cantava na campanha de 1994 do Doutor Arraes e que ele sempre chorava quando ouvia nos comícios, nas feiras, nas estradas, no sertão do Agreste. Ele sempre se emocionava. Declamarei a letra da música que dizia:

"Se o povo quer esperanças, esperanças ele traz.

Se o povo quer ação, ele sempre satisfaz.

Se o povo quer competência, ele é homem capaz.

Se o povo quer estadista, aí sim, ele é demais.

Se há político de bem, não faz bem como ele faz.

Se alguém quer tranqüilidade, ele representa a paz.

Com a arma das idéias, resistiu aos generais, sem atacar os contrários, defendeu seus ideais.

Quem duvidar da história, abra os livros e os jornais, para ver que em toda luta das camadas sociais, há sempre uma referência de ligações fraternais, um homem que vem do povo com pensamentos iguais.

É grande, igualmente a Gandhi com seus gestos tão leais.

Na academia do povo, ele é um dos imortais.

Na construção da história, edificou catedrais.

É o líder maior da gente, não precisa dizer mais.

É o líder maior da gente, não precisa dizer mais.

Ele é o sonho que se alcança, é a luta que avança, é sinônimo de esperança, é Miguel do Povo Arraes".



SÉRGIO REZENDE

Ministro de Estado da Ciência e Tecnologia

Muito bom-dia a todos os presentes. Quero cumprimentar Dona Madalena Arraes, os filhos do Doutor Arraes, Augusto, Ana e Pedro. Cumprimentar todos os integrantes da mesa e agradecer ao Carlos Siqueira e à Dona Madalena o convite para fazer esta apresentação de uma das características do Doutor Arraes que, de certa maneira, era muito pouco conhecida no Brasil. Passou a ser um pouco mais conhecida, quando ele, como presidente do Partido Socialista Brasileiro, no início do governo do presidente Lula, pleiteou para o PSB a gestão do Ministério da Ciência e da Tecnologia, que, como sabem, foi exercida pelo primeiro vice-presidente do nosso partido, Roberto Amaral. Depois, pelo nosso governador Eduardo Campos a quem tive a satisfação e honra de suceder e estamos, então, trabalhando para concluir este primeiro mandato.

Tenho certeza de que agora há uma marca reconhecida nacionalmente no PSB de uma valorização do conhecimento da ciência e da tecnologia e isso tem muito a ver com o Doutor Arraes. Como acadêmico, quando recebi o convite para fazer uma palestra de cinqüenta minutos, foi o que estava na programação. Naturalmente, não falarei cinqüenta minutos agora, devido ao adiantado da hora.

Eu passei vários dias preparando uma apresentação com fotografias e dados. Sou acadêmico e minha característica é essa. É bem longa, por isso passarei depressa, rapidamente por muitas delas. Mas quero dizer, Carlinhos e Dona Madalena, que para mim foi uma satisfação muito grande – principalmente no último final de semana, quando fui à cata de informações e de fotografias – preparar esta apresentação. Como eu disse, não vou poder apresentar no detalhe que gostaria, mas foram muitas horas de muita satisfação, relembrando os momentos que vivi e que tive oportunidade de conviver com o Doutor Arraes. Esses momentos foram os últimos dez anos. Contarei mais tarde como participei do terceiro governo dele. Tive uma convivência grande com ele nos últimos dez anos e a preparação desta palestra me deu esta oportunidade.



Miguel Arraes e a Ciência e Tecnologia:
uma perspectiva própria

- Percepção clara do potencial transformador do conhecimento
- Um certo fascínio pela Ciência revelada em conversas longas e assíduas com cientistas locais e visitantes
- Compreensão da importância da Universidade como abrigo seguro do conhecimento

"A inteligência de nosso povo é nosso maior capital"

A primeira observação importante é a valorização do conhecimento. O Doutor Arraes foi uma pessoa que sempre valorizou o conhecimento como forma de transformação da nação, do povo, da região em que vivia.

A segunda é a valorização da ciência que ele transmitia às pessoas em conversas. Tinha uma atração muito grande por conversar com cientistas, ouvir opiniões, considerações e, naturalmente, colocar a visão dele sobre inúmeras questões.

Uma outra observação é que, aqui na Universidade Federal de Pernambuco, tivemos a oportunidade de ver de perto ao longo de quatro décadas, três décadas e meia, a universidade como o abrigo do conhecimento das pessoas que têm as informações que podem contribuir para ajudar a sociedade.

Ele dizia sempre que "a inteligência de nosso povo é o nosso maior capital".

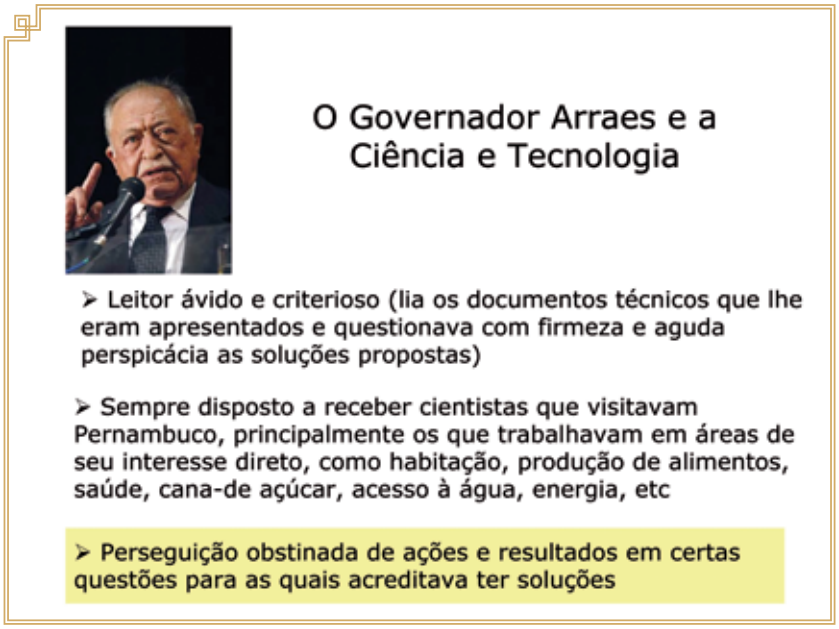


O Governador Arraes e a Ciência e Tecnologia

- Atendimento às necessidades dos mais carentes como prioridade: grande desafio para os técnicos e pesquisadores é utilizar seu conhecimento para a solução de problemas do povo
- Contato estreito com técnicos e cientistas locais e busca de informações e de conhecimento em instituições de ponta no Brasil e exterior

Como governador, Arraes tinha algumas características muito peculiares, que valiam para todas as áreas, mas aqui, especialmente, estou chamando a aten-

ção para a ciência e tecnologia. Primeiro, a ciência e a tecnologia como instrumentos fundamentais para atender as necessidades dos mais carentes. Miguel Arraes dizia – falarei um pouco mais tarde sobre isso – que um grande desafio dos técnicos e pesquisadores é exatamente utilizar os seus conhecimentos para resolver os problemas da população. Ele, como governador, mantinha contato estreito com técnicos e cientistas locais em busca de informações, de conhecimento e instituições do Brasil e do exterior.



Ele era um leitor ávido e criterioso dos documentos que lhe chegavam e de livros e, com freqüência, questionava detalhes e soluções que eram levadas até ele. Realmente, fazia questão de entender, não era das pessoas que diziam estar bom, que estava resolvido, porque ele precisava entender as propostas apresentadas e as questionava muito. Como governador, estava sempre disposto a receber cientistas que vinham de fora de Pernambuco e que trabalhavam, principalmente, em áreas que eram de seu interesse direto, como as questões

de habitação, produção de alimentos, saúde, cana-de-açúcar. Ele tinha fixação pela questão da cana e via na tecnologia uma das saídas para problemas que temos em Pernambuco e no Nordeste como acesso à água e energia.

Uma característica dele era em respeito à ciência, uma perseguição obstinada de ações e resultados em certas questões que ele achava que tinham soluções.



Algumas ações e marcos importantes em C&T nos Governos de Arraes em PE

Primeiro Governo: 1963-1964

- Contato estreito com o Professor Osvaldo Gonçalves de Lima (UFPE) e busca de soluções inovadoras para tratamento de lixo e produção de medicamentos

- Criação do LAFEPE
Parceria em 1963 com a DROPESA (Drogaria de Pernambuco SA) para implantação de laboratório farmacêutico para produção de medicamentos essenciais para os postos de saúde e hospitais; 1965- início da produção; 1967- associação com outras empresas passando a se chamar LAFEPE

Algumas ações e marcos importantes nas suas três gestões em Pernambuco: no primeiro governo – há na transparência um retrato dele próximo de Celso Furtado, ambos jovens e grandes cabeças que contribuíram muito para o Brasil – no primeiro governo o sistema de ciência e tecnologia do país e em Pernambuco, naturalmente, era muito incipiente, havia pouquíssimos pesquisadores nas universidades, ainda não havia regime de tempo integral nas universidades. Mas, de alguns poucos que havia ele se aproximou, um deles foi o professor Oswaldo Gonçalves de Lima, fundador do Instituto de Antibióticos,

contemporâneo de Arraes, e com quem ele tinha diálogos freqüentes, buscando soluções para, por exemplo, a questão do tratamento do lixo, da produção de medicamentos. Oswaldo Lima foi um dos inspiradores para a criação do Lafepe – Laboratório Farmacêutico de Pernambuco –, que existe até hoje. Passou por fases difíceis, mas é um dos exemplos de obstinação de Arraes. Ele estava convencido de que era preciso ter um laboratório para produzir medicamentos a baixo custo para a população. Então, criou e recriou o Lafepe várias vezes.



Algumas ações e marcos importantes em C&T nos Governos de Arraes em PE

Segundo Governo: 1987-1990

- 1986- Campanha eleitoral: temática de C&T presente nos grupos de trabalho, com grande envolvimento da comunidade científica
- 1988- Reforma Constitucional: ação decisiva na introdução do Capítulo de C&T na nova Constituição do Estado de Pernambuco

No segundo governo, em 1986, durante a campanha de eleição para governador ele já mostrou que valorizava essa área. Já havia em 1986 uma comunidade científica razoável aqui em Pernambuco, de modo que um dos temas de grupo de trabalho que ele criou durante a campanha foi o de Ciência e Tecnologia. Tive a satisfação de participar deste grupo, tenho vários colegas universitários que estão aqui, um deles foi o professor Ricardo Ferreira, o decano de nossa universidade e um dos inspiradores da proposta de programa que apresentamos a ele, antes ainda da eleição. Ele foi eleito e, logo depois, come-

çamos a discuti-la em detalhes. Tânia Bacelar era o elemento de ligação com ele, uma das coordenadoras da transição. De modo que ele colocou isso como um dos objetivos, uma das metas do seu governo. Na reforma constitucional a ser realizada, dar à ciência e tecnologia um lugar de destaque e, hoje, há na nossa Constituição de Pernambuco um capítulo sobre Ciência e Tecnologia. Foi o primeiro estado do Nordeste a fazer isso e eram poucos os estados do Brasil que tinham um capítulo de Ciência e Tecnologia na sua Constituição.



Algumas ações e marcos importantes em C&T nos Governos de Arraes em PE

Segundo Governo: 1987-1990

- 1988- Criação da Secretaria de Ciência e Tecnologia, a primeira do Norte-Nordeste e uma das então poucas no Brasil (MCT tinha sido criado em 1985)
- 1989- Criação da FACEPE, a primeira fundação de apoio à pesquisa do Norte-Nordeste e a primeira a ser implantada pós-constituição de 1988 no País
- Revitalização do LAFEPE, IPA e ITEP: Sistema estadual de C&T

No segundo governo, tivemos algumas marcas importantes. Em 1988, ele criou a Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado, a primeira do Norte-Nordeste. Criou a Facepe em 1989, a Fundação de Apoio à Pesquisa de Pernambuco, que foi novamente a primeira da Região Norte-Nordeste. Havia pouquíssimas no Brasil naquela época, em São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Rio de Janeiro. E ele criou a nossa fundação e promoveu a revitalização do Lafepe (Laboratório Farmacêutico do Estado de Pernambuco), do IPA (Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária) e do Ipepe e formou o que passou a

ser conhecido como Sistema Estadual de Ciência e Tecnologia, isso ocorreu em 1989. Somente nos últimos anos é que passamos a ver no Brasil um movimento de criação de sistemas estaduais de ciência e tecnologia. Contraditoriamente, infelizmente, o de Pernambuco hoje está atrás de muitos estados do Nordeste e do Norte, mas isso mudará no nosso novo governo de Eduardo Campos. Pernambuco voltará a ter um sistema de ciência e tecnologia estadual rigoroso como teve em governos anteriores.



Algumas ações e marcos importantes em C&T nos Governos de Arraes em PE

Terceiro Governo: 1995-1998

- Papel mais relevante de C&T para o desenvolvimento harmônico do Estado
- Ampliação do leque de interlocutores das universidades e centros de pesquisa locais
- Revitalização do Sistema estadual de C&T: Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente (SECTMA), FACEPE, LAFEPE, IPA, ITEP e CPRH

O terceiro governo começou em 1995, foi o que tive grande participação em ciência e tecnologia e é nele que mostrarei mais informações. Mas quero, antes de continuar, contar como me envolvi com o governo, como me aproximei do Doutor Arraes. Como eu disse, a Fundação de Apoio à Pesquisa foi criada em 1989 e implantada em 1990. Ele nomeou como presidente da Fundação nosso inesquecível Sebastião Simões, uma pessoa formidável que organizou o Conselho da Fundação. O Conselho fez uma lista tríplice para escolha do Diretor Científico e eu encabeçava esta lista, não tinha nenhuma participação fora da universidade

até então e o Conselho acabou por me escolher. Eu tive uma interação ótima com Sebastião Simões, rapidamente colocamos a Facepe para funcionar com cinco funcionários, três salas com 30 metros quadrados de instalações, aqui no Instituto de Tecnologia de Pernambuco. No dia do lançamento dos programas da Fundação, Sebastião Simões pediu que eu fizesse uma apresentação.

Então, estavam no auditório o ex-governador Arraes, ele tinha saído do governo para se desincompatibilizar, o governador Carlos Wilson, vários políticos, deputados estaduais e federais. Eu fiz, então, uma explanação de como ia funcionar, que tipo de bolsas e apoio que a Fundação teria e, no final da apresentação, eu disse que a classe política de Pernambuco estava de parabéns por ter criado uma Fundação como aquela, a primeira do Norte-Nordeste, que seria muito importante para o futuro do estado, que a comunidade acadêmica e científica reconhecia o enorme trabalho, mas que era muito importante que os políticos entendessem que a Fundação funcionava de maneira diferente das que funcionavam em outros estados, pois as seleções de bolsistas são feitas por critérios acadêmicos e comissões, e não por meio de "bilhetinhos". Quando eu falava isso eu via vários políticos que torciam o nariz, "que diretor foram colocar aí". Terminado o evento algumas pessoas me cumprimentaram, outras foram embora na mesma hora e o Doutor Arraes chegou para mim – eu tinha tido um ou dois contatos com ele anteriormente – e disse: "Meus parabéns, essa Fundação vai dar certo e você pode ter certeza de que eu nunca vou lhe pedir uma bolsa". Eu fiquei sem graça. Isso foi em 1990. Em 1993 ou 1994, não me lembro bem, eu estava em Brasília voltando para Recife quando vi o Doutor Arraes na fila do avião, naquele tempo não tinha túnel, nós esperávamos na pista. Então, vi o Doutor Arraes na pista, me aproximei e me apresentei: "Doutor Arraes, sou o Sérgio Rezende, fui diretor da...", quando eu estava falando ele disse: "Pois lhe conheço. O senhor foi o Diretor Científico da Fundação e eu lhe disse que nunca ia lhe pedir uma bolsa e nunca pedi". Eu fiquei impressionado com aquilo, com tudo dele, com a capacidade de memória. Pois bem, estes foram os meus contatos com o Doutor Arraes, este foi o contato em 1993.

Um ano depois, ele foi eleito governador do estado e chamou-me para ser o secretário de Ciência e Tecnologia. Eu nunca tinha tido nenhuma participação política ou maior contato, mas já sabia que ele era uma pessoa muito diferente, e comecei a ver pessoalmente o quão diferente ele era. Ele tinha tido, como eu disse, dois contatos comigo e me convidou porque algumas coisas que andei fazendo ele gostou. E, naturalmente, a partir de 1995, como eu disse, tive um estreito contato com ele.

Neste terceiro governo, então, a ciência e a tecnologia tiveram um papel mais relevante para o desenvolvimento harmônico do estado. O Doutor Arraes ampliou muito a interlocução com as universidades. Se no primeiro governo ele conversava com dois ou três, no segundo governo com meia dúzia, no terceiro governo passou a ter muitos interlocutores. Para cada preocupação tinha gente nas universidades, principalmente, nas duas federais, mas também na estadual – muitos companheiros estão aqui presentes. Assim, tivemos a oportunidade de fazer com que a ciência e a tecnologia tivessem um papel mais relevante no desenvolvimento do estado.



Algumas ações e marcos importantes em C&T nos Governos de Arraes em PE

Terceiro Governo: 1995-1998

- Ciência: Ampliação das ações da FACEPE para apoiar a pesquisa, atrair e fixar pesquisadores em PE e atuar em áreas estratégicas
- Tecnologia: Rede Pernambuco de Informática; Incubadora de Empresas de Tecnologia; PARQTEL
- Educação de ciência
- Meio ambiente
- Recursos hídricos
- Programa Estadual de Difusão Tecnológica

Apresentarei rapidamente algumas ações que realizamos. No caso das ciências foram ampliadas as ações da Facepe, que voltou a ser recuperada. A Secretaria de Ciência e Tecnologia, que ele tinha criado, foi extinta em 1991 pelo governo seguinte e recriada no "finalzinho" do governo, graças a muita força. Os recursos da Facepe desapareceram e ela foi revigorada. Em tecnologia, foram feitas várias ações em educação de ciência, meio ambiente, recursos hídricos; foi criado um programa estadual de difusão tecnológico sobre o qual falarei adiante.



A rede de Pernambuco de informática é uma rede feita a partir de 1996, quando não se falava na expressão "inclusão digital". Inclusão digital é uma palavra dos últimos anos. Pois bem, começamos a fazer inclusão digital ainda em 1996 e 1997, com a preocupação do Doutor Arraes de fazer com que a internet, o novo instrumento que começava a aparecer, chegasse a todo o estado.

Desenvolvimento harmônico de Pernambuco

Parque Tecnológico de Eletro-Eletrônica-PARQTEL



PARQTEL

A parceria pelo desenvolvimento tecnológico

A parceria governo do Estado, UFPE e iniciativa privada torna realidade um sonho antigo de Pernambucoa implantação do Parque Tecnológico de Eletro-eletrônica no Curado. A fase da prática já está em andamento. Págs. 3 e 4.

A assinatura do Protocolo de Cooperação do PARQTEL consolidação da parceria

Governo +Empresários + Universidade =

Conhecido na Imprensa do Recife pela obstinação de sua luta em defesa dos legítimos interesses da indústria eletro-eletrônica pernambucana, o empresário José Heimer, atual presidente da regional da Associação Brasileira das Indústrias Eletro-Eletrônicas (ABINEE), reconheceu que as iniciativas do Governo do Estado, através da SECTMA, para implantar o Parque Tecnológico de Eletro-eletrônica (PARQTEL), no Curado, representa a materialização de um sonho de 20 anos do empresariado de Pernambuco. Ele fez a afirmação na solenidade de apresentação do projeto e assinatura do Protocolo de Cooperação entre Governo do Estado, SECTMA, Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo, UFPE, Fiepe, Sebrae-PE e ABINEE para implantar, coordenar e operar o PARQTEL, realizada no Palácio do Campo das Princesas, no dia 4 de julho. A solenidade marcou um momento importante da vida de Pernambuco. Além de José Heimer, falaram o Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, Mozart Neves Ramos e o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco, Armando Monteiro Neto, consolidando a integração dos seus segmentos no empreendimento. O Secretário de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente, Sergio Rezende, expôs para o grande número de empresários as razões da implantação de um parque tecnológico em Pernambuco, exibindo números e índices concretos da capacitação do Estado para desenvolver produtos eletrônicos. O governador Miguel Arraes - que também assinou o protocolo - admitiu que o grande parâmetro para avaliação do vigor de uma economia moderna é o conhecimento.

Antes de institucionalizar a implantação do PARQTEL, a SECTMA coordenou uma série de ações com entidades representativas da iniciativa privada, empresários, universidade e outros órgãos governamentais - como a Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo - no sentido de pôr em prática providências efetivas. Além do todo o planejamento do complexo, foi preparada a licitação para aquisição dos terrenos na área, estabelecidas normas e condições de financiamento e iniciada a construção do primeiro galpão. O PARQTEL é realidade.

Desenvolvimento harmônico de Pernambuco

Parque Tecnológico de Eletro-Eletrônica-PARQTEL



Empreendimento industrial no Curado, próximo ao TIP, para promover o setor eletro-eletrônico através da cooperação mútua

Desenvolvimento harmônico de Pernambuco
Parque Tecnológico de Eletro-Eletrônica-PARQTEL



5 empresas instaladas até 1998

Aqui na Região Metropolitana foi criado o Parque Tecnológico de Eletro-Eletrônica, um parque voltado para abrigar empresa de tecnologia na área de eletrônica. Há aí uma maquete deste Parque, com cinco empresas que foram lá instaladas naquela época e, desde então, nenhuma outra empresa foi instalada. Na verdade, aquele pedaço de terreno do Parque Tel foi vendido por uma empresa que não tem nada a ver com eletrônica. Este é mais um exemplo de uma obra iniciada pelo Doutor Arraes e que foi abandonada, não porque não fosse importante, mas porque, infelizmente, tinha a marca dele e temos aqui no estado essa dificuldade. Tentam fazer com que a obra do Doutor Arraes seja eventualmente esquecida.

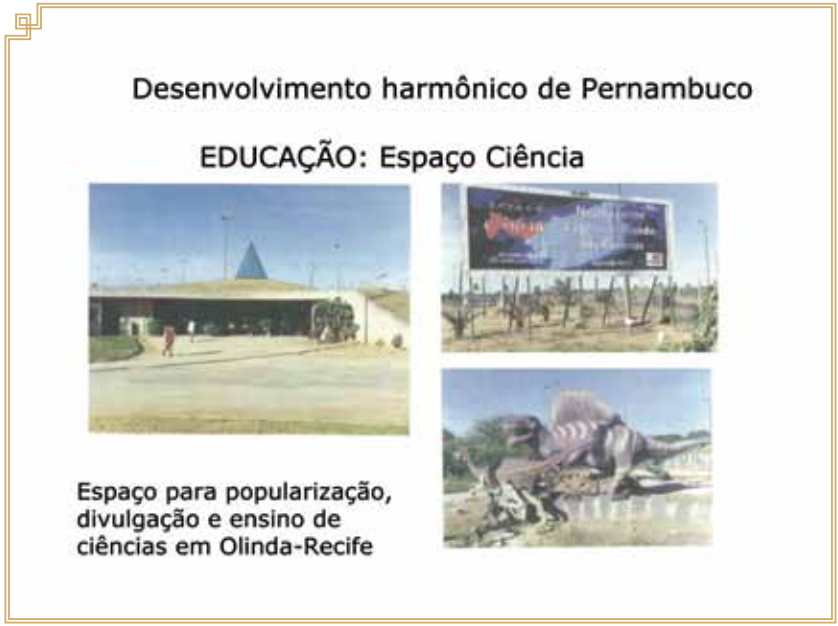
Desenvolvimento harmônico de Pernambuco

EDUCAÇÃO: Centros de Referência em Ciências



21 escolas públicas estaduais receberam laboratórios de física, química, matemática, biologia e informática, e capacitação dos professores de ciência.

Novamente há uma preocupação nacional hoje do Ministério de Ciência e Tecnologia e do Ministério da Educação de interiorizar o conhecimento. Em 1996, 97, 98 já foram desenvolvidos em Pernambuco, Centros de Referência em Ciências baseados em escolas públicas do estado. As escolas selecionadas recebiam laboratórios e equipamentos de Física, Matemática, Química e Biologia, feitos aqui em Pernambuco. Os professores não eram treinados, mas capacitados no processo de construção de laboratórios. Tínhamos Centros de Referências em todo o estado. Se não me engano, vinte e poucos no total, e estão atualmente abandonados.



Aqui na Região Metropolitana, no chamado Memorial Arco Verde, uma grande área abandonada entre Recife e Olinda, foi instalado o Espaço Ciência, que é um espaço vivo de demonstração da ciência, felizmente, este está vivo e bem até hoje; foi uma das obras não abandonadas. O Espaço Ciência é conhecido em todo o Brasil como o parque com maior extensão de área de demonstração de ciência viva para jovens, para educação de jovens e atração de pessoas para esta área.



Na área ambiental, já que a Secretaria no terceiro governo é de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente, várias ações foram realizada. Doutor Arraes tinha uma fixação pela mata de Dois Irmãos, talvez porque morasse perto dela. Era muito preocupado com a invasão da mata, queria cercá-la e o fez. Queria recuperar o Parque Dois Irmãos, chamado Horto Dois Irmãos que estava abandonado naquela época. Transformou-o num parque e, felizmente, este não foi abandonado. O Parque Dois Irmãos está bem, saudável e é hoje um dos zoológicos mais agradáveis que existe no Brasil porque é um parque zoobotânico, os animais convivem com a natureza, com os açudes. O Parque Dois Irmãos foi uma das obras deixadas pelo governo do Doutor Arraes.

Desenvolvimento harmônico de Pernambuco

MEIO AMBIENTE: Planejamento e ação



Projetos experimentais de conservação do meio ambiente

Desenvolvimento harmônico de Pernambuco

MEIO AMBIENTE: Planejamento e ação

Programa PERNAMBUCO VERDE





Capacitou técnicos de 60 prefeituras e implantou viveiros de mudas em 50 municípios em 1996-98

Ainda na área ambiental ele tinha uma preocupação com a questão da arborização. Ele falava das cidades do interior que tinham ruas e ruas com paralelepípedo e com poucas árvores. Depois de muita discussão, desenvolvemos um programa dentro de um planejamento feito para o meio ambiente em todo o estado, que foi de fazer sementeiras. O governo do estado apoiava as prefeituras municipais para fazerem sementeiras, para capacitarem técnicos das prefeituras e, eventualmente, arborizar as ruas das cidades. Deixamos 60 sementeiras municipais feitas no estado, no programa chamado Pernambuco Verde e, pelo que sei, poucas delas sobrevivem até hoje.

Desenvolvimento harmônico de Pernambuco

Programa Estadual de Difusão Tecnológica- PEDITEC
HABITAÇÃO POPULAR



Unidade de capacitação e fabricação em Chã de Alegria



Tijolos alternativos, telhas, bacias, etc, fabricados pelos próprios moradores em mutirão

O Programa Estadual de Difusão Tecnológica foi um programa que marcou muito a minha experiência, minha convivência com o Doutor Arraes. Na minha primeira audiência, em janeiro de 1995, levei para ele várias idéias que já tínhamos discutido entre nós, acadêmicos, falei com ele sobre biotecnologia, informática, eletrônica. Ele ouviu, ouviu e disse: “Está bom, dr. Sérgio, vamos lá!”. Eu fui conversar com minha turma, várias pessoas já estavam envolvidas

naquela época, eu disse: “O Doutor Arraes falou que podemos tocar o projeto”. Na segunda audiência, um mês depois, novamente eu levanto o assunto sobre a biotecnologia, informática, eletrônica. Ele disse: “Deixe-me dizer uma coisa. Tudo isso que o senhor está falando de biotecnologia e informática é muito importante e o senhor vai fazer muito bem, mas o seu grande desafio é fazer os doutores das universidades se aproximarem da população”. Eu tomei um enorme susto porque eu mesmo, um doutor, longe da população, o que eu ia fazer para aproximar um doutor da população? E, começamos a conversar, trocamos umas idéias, conversei com o pessoal e vários estão aqui. Depois de algum tempo, então, nós iniciamos, levamos as idéias para ele, o Programa Estadual de Difusão Tecnológica, que é um programa, novamente, descentralizado em todo o estado. Ele dizia o seguinte: “Não vamos começar do zero, vamos aproveitar o que se tem. Vamos a cada região, em cada município ver quais são as aptidões locais, ver o que a população sabe fazer. Eles precisam de treinamento”. Então, ele determinou que recursos do FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador) fossem usados pelo programa para capacitar trabalhadores, pequenos produtores. Ele dizia: “Não vamos começar do zero. Se há um lugar onde tem um quartel da Polícia Militar, vamos fazer a sede do quartel da Polícia Militar”. Vários quartéis da Polícia Militar eram base do Programa Estadual de Difusão Tecnológica. Lembro-me de Arco Verde, de Araripina e várias cidades em que o ponto mais importante do governo era exatamente a Polícia Militar. Ele dizia o seguinte: “Isso é importante não só porque tem a base, não só porque os policiais são obedientes – você diz para eles fazerem e eles fazem –, mas porque precisamos aproximar os policiais da população”. Essa era uma preocupação dele. “Nós só vamos resolver o problema de segurança quando a população tiver confiança nos policiais e os policiais não forem apenas policiais tradicionais”.

Essas são coisas que tinha na cabeça do Doutor Arraes e que vemos a cada dia a importância delas e que, gradualmente, fomos aprendendo. Este programa, por exemplo, tinha vários proponentes. Uma preocupação dele era com a habitação popular. Ele sempre dizia que os animais sabem fazer suas tocas e as pessoas também sabem fazer suas casas, mas é preciso dar instrumentos. En-

tão, foi feito um programa de habitação popular que as pessoas fabricavam seus tijolos, desenvolveram no ITEP (Instituto Tecnológico de Pernambuco) e Jucá, que foi Diretor-Presidente do ITEP naquela época. Jucá aparece na fotografia anterior, cheio de alegria, o prefeito, então do PSB, escreveu ali: “Se os cupins sabem fazer suas casas, as pessoas também sabem fazer suas casas”.



Aqui aparecem algumas casas que foram feitas desta maneira. As pessoas moravam em palafitas, em casas de taipa e as pessoas que moravam nestas casas eram escolhidas, o prefeito as escolhia. As pessoas não sabiam construir, mas sabiam mexer, alavancar e prensar, fazer tijolo só com barro prensado e com um pouquinho de cimento. O tijolo é caro porque tem de passar numa cerâmica, num forno, e as pessoas não têm forno. Então, se misturar só terra com cimento dá para fazer tijolo prensado. Isso aí foi o Jucá que desenvolveu e as pessoas faziam os tijolos, nós pagávamos o pedreiro, porque não é qualquer pessoa que sabe levantar parede e a pessoa ganhava uma casa nova. Isso nos encheu de alegria.

Gradualmente, foi-se substituindo casa de taipa por casas de tijolos. As bacias sanitárias e as pias também eram feitas pelas pessoas. Isso foi ele que nos disse: “Olha, o Coronel Pereira, da Polícia Militar, tem um pessoal lá que sabe fazer bacia”. Então, as pessoas faziam as bacias, e assim, grande parte dos elementos da casa era feita pelas pessoas. Quando uma pessoa vai para uma casa que ele construiu uma parte dela, o valor que ele dá à casa é completamente diferente do que aquela que ele recebe e do que compra de qualquer outra maneira.

Desenvolvimento harmônico de Pernambuco

Programa Estadual de Difusão Tecnológica - PEDITEC

HABITAÇÃO POPULAR


Economia

Casa própria por R$ 80


Cinco cidades já têm casas baratas

Matéria de jornal: “Cinco cidades já têm casas baratas”. O preço da casa era irrisório. Jucá fez a conta: a Caixa Econômica financiava a compra de uma casa cujo preço era de oito a dez vezes maior que o preço da casa que era produzida com o tijolo e os elementos feitos pela população.



Está aí o mapa de Pernambuco que mostra que em cada município, em cada região do estado, havia uma vocação local e o Programa Estadual de Difusão Tecnológica era voltado para isso. Pois bem, novamente vemos Arraes muito à frente no Brasil, porque só na gestão do PSB no Ministério da Ciência e Tecnologia é que o ministério passou a fazer os Centros Vocacionais Tecnológicos, cujo papel é justamente este: fazer a tecnologia chegar ao pequeno produtor, chegar à população. O Doutor Arraes via isso há muito tempo atrás e nós tivemos a oportunidade de fazer esse Programa Estadual de Difusão Tecnológica.



Aí há algumas fotografias que mostram laticínios na região do Agreste.



A melhoria da produção do mel lá no sertão de Araripina.

Desenvolvimento harmônico de Pernambuco

Programa Estadual de Difusão Tecnológica- PEDITEC



Agreste: Gravatá - Centro de Design para móveis

Em Gravatá, havia um centro para ensinar as pessoas a fazer o desenho dos móveis. Gravatá não tinha madeira, que vinha do Pará, não sei de onde, mas, de alguma forma, apareceu um pólo moveleiro que fazia móveis de pequeno valor agregado porque não tinham o desenho apropriado dos móveis. Então, o centro de Gravatá era voltado para fazer o desenho e agregar valor aos móveis.

Desenvolvimento harmônico de Pernambuco

Programa Estadual de Difusão Tecnológica- PEDITEC

Araripina: Alunos da UFPE participando do PEDITEC





Sertão do Araripe: Pólo de gesso

Em Araripina, na região do Araripe, havia um pólo de gesso e essa fotografia mostra estudantes das universidades que foram mobilizadas pelo programa para levar conhecimento de como tratar o gesso, de como fazer placas de gesso e assim por diante, ajudar agregar valor ao pequeno produtor. Aí tem uma marca dele. Exatamente, “Ciência contra o atraso e a miséria”.

Desenvolvimento harmônico de Pernambuco

Programa Estadual de Difusão Tecnológica- PEDITEC



Desenvolvimento harmônico de Pernambuco

Programa Estadual de Difusão Tecnológica- PEDITEC



Tinha também folhetos de cordel, muitas histórias do Programa Estadual de Difusão Tecnológica.

Desenvolvimento harmônico de Pernambuco

RECURSOS HÍDRICOS: Planejamento e ação



Era grande sua preocupação com a questão da água, como todos sabem, e não era uma preocupação apenas com soluções pontuais. O que foi feito, então? Ele queria criar uma estrutura no governo que fizesse estudos relativos a recursos hídricos e implantasse ações concretas. Tínhamos, então, na universidade um grande especialista em recursos hídricos, está aqui presente, o professor Almir Cirilo. Levei-o para conversar com o Doutor Arraes. Falei: "Doutor, quem mais entende de água na universidade é o professor Almir". Ele ouviu, olhou para o Almir, meio desconfiado. Sempre o primeiro olhar era meio desconfiado. Fez umas perguntas, Almir respondeu. Depois de algum tempo, o Almir começou a dizer as idéias dele. "Vamos fazer isso, aquilo, montar um sistema de informação de recursos hídricos". Aí, o Doutor Arraes depois de ouvir tudo, chamou o Almir e disse: "Olha, tudo o que o senhor fizer aqui no governo – vamos criar uma diretoria, inclusive – o senhor faça na universidade, no seu laboratório, porque nunca sabemos o que vai acontecer aqui no governo do estado". Almir, então, fez isso, montou uma diretoria e levou gente das universidades. Era sempre feito assim, com jovens que se entusiasmavam pelos projetos.

Construiu um Plano estadual de Recursos Hídricos, montou um sistema estadual de informações, um dos primeiros do Brasil, e tudo o que ele fez na universidade fez também no estado. Não deu outra. No governo seguinte, a diretoria foi extinta e os projetos de recursos hídricos passaram a ser encomendados a empresas de consultorias. Felizmente, Almir seguiu a orientação dele e tudo o que foi feito no estado, foi reproduzido na universidade e está preservado até hoje. Eduardo Campos, quando ministro, colocou o Almir para ser presidente do Comitê Gestor Nacional de Recursos Hídricos e esta experiência que está aqui hoje vai sendo difundida para outros estados.

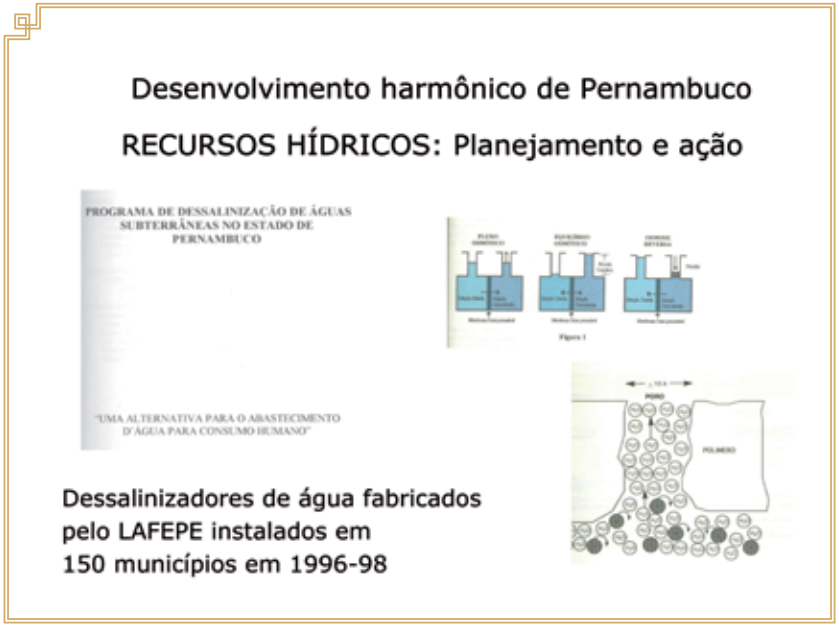
Mas, naturalmente, Doutor Arraes não queria ficar somente no plano, queria ver ação. Então, foi feito um projeto, já que tivemos conhecimento de que... ele tinha fixação por isto. Ele soube que a Petrobrás fez vários poços na Chapada do Araripe para buscar petróleo. Não descobriu petróleo, mas descobriu água. Tinha um poço de mil metros de profundidade. O que a Petrobrás fez? Não era petróleo e ela tamponou os poços. O Doutor Arraes, quando soube, disse: “Não é possível, o que mais se precisa lá é água, água é mais importante que petróleo”. Mandou destampar os poços. Tivemos de ir atrás de tecnologia nos lugares mais distantes do mundo, para poder puxar água a mil metros de profundidade porque a Chapada está lá em cima.



E aí tem uma fotografia da água jorrando do poço de Bodocó, um poço de um quilômetro de profundidade, 60 metros cúbicos por hora jorrando água. Então, fizemos, com orientação dele, um projeto para abastecer toda aquela área, que dispensava para aquela região a idéia das adutoras, até para transposição do São Francisco. Era, então, um projeto para abastecer a partir da água de um poço de mil metros de profundidade.



Uma outra fixação dele em relação à água era como tratá-la, como dessalinizar a água do agreste do sertão porque a que se tira do subsolo é muito salinizada. Então, precisamos arrumar uma forma de tratar essa água e, informação daqui e dali, descobriu-se – ele descobriu porque ouviu falar que tinha isso no resto do mundo – e chamava as pessoas e dizia: "Precisamos fazer dessalinizadores". Ou seja, um sistema relativamente simples, uma bomba, uma membrana para dessalinizar com alta tecnologia, é a mesma tecnologia usada para dessalinizar água, são pólos na escala nanométrica. E o Doutor Arraes colocou quem para fazer dessalinizadores? O Lafepe, porque, como todos nós sabemos, e ele sabia muito bem, um dos fatores mais importantes para a saúde humana é a água de boa qualidade. Então, o laboratório farmacêutico passou a fabricar dessalinizadores.



Pois bem, foram instalados dessalinizadores em 150 municípios, de 1996 a 1998, da ordem de 500 dessalinizadores (não sei ao certo quantos). A informação que temos é que há meia dúzia funcionando, foram naturalmente abandonados. Os dessalinizadores exigem manutenção, mas onde há dessalinizador as pessoas sabem que foi o Doutor Arraes que os colocou lá, porque isso é uma coisa importante para a saúde das pessoas. Novamente tecnologia e alta tecnologia para atender aos interesses da população.



Barragens subterrâneas. Fazer uma barragem custa caro e Almir Cirilo levou para o Doutor Arraes e para nós a informação de que na Paraíba havia uma fazenda que exportava manga e toda a produção era feita com água armazenada em barragem subterrânea, que é barata de se fazer. Basta fazer onde há rio. Quando chove e seca faz-se uma vala, coloca-se uma lona e a água fica acumulada durante o inverno.



Foram feitas 500 barragens subterrâneas, está aí a população saudando a chegada de um projeto de barragem subterrânea, a população sabia muito bem que era para guardar água da chuva para usar no verão. A água numa barragem subterrânea não evapora porque ela fica no meio das pedras. Então, foram feitas 500 barragens subterrâneas. Quando houve uma seca forte aqui no Nordeste, havia bastante dinheiro da Sudene de emergência, porém o Doutor Arraes colocou o dinheiro para fazer barragem subterrânea, em vez de só dar trabalho, mas dar trabalho e também, de alguma forma, garantir o futuro com estas barragens.



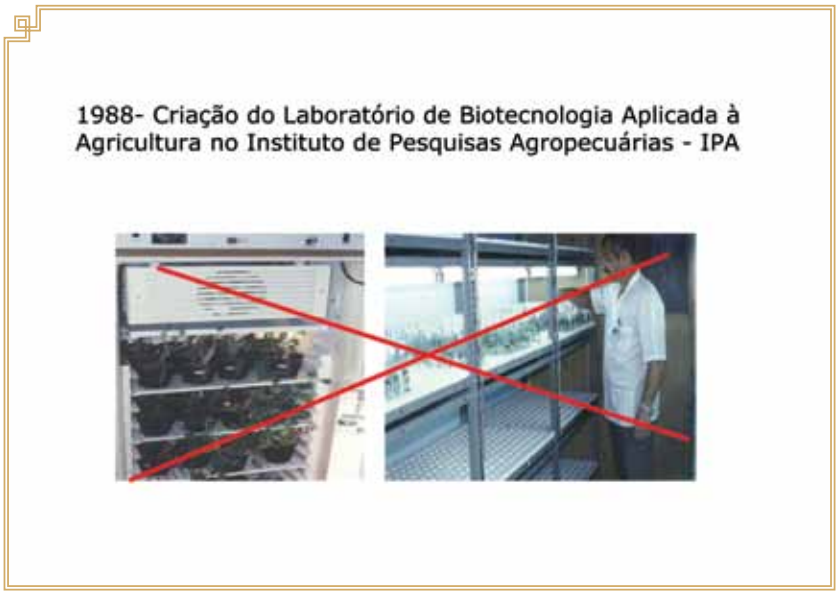
O Governador Arraes e a Ciência e Tecnologia

Perseguição obstinada de ações e resultados em certas questões para as quais acreditava ter as soluções

Exemplo: Biotecnologia aplicada à agricultura

Sobre aquela característica dele que mencionei, de uma perseguição obstinada de ações e resultados em certas questões para as quais ele acreditava haver soluções, um exemplo é a biotecnologia aplicada na agricultura.

Como eu disse anteriormente e como sabem, o Doutor Arraes tinha uma fixação com a questão da Zona da Mata porque foi a região mais rica do Nordeste, aliás, ela sustentou o Brasil nos séculos XVII, XVIII e, principalmente, no século XIX, mas, por razões diversas foi perdendo importância. O Doutor Arraes sabia que para recuperar a produção de cana na Zona da Mata era preciso muitas coisas, entre elas tecnologia para melhorar a produtividade. Ele tinha uma preocupação de que o pequeno produtor, o produtor ou os fornecedores de cana, principalmente, os menores, tivessem cana de melhor qualidade. Então, em 1988, quase não se falava em biotecnologia no Brasil.



A biotecnologia, ele criou no Lafepe, no IPA (Instituto de Pesquisas Agropecuárias) em 1988, montou um laboratório de biotecnologia aplicada à agricultura. O objetivo era exatamente usar a biotecnologia relativamente simples para produzir semente de cana de melhor qualidade e reproduzi-la em grande quantidade. A reprodução é feita em laboratório e se consegue em pouco tempo milhões de sementes de cana de boa qualidade.

Pois bem, terminou o segundo governo. O que aconteceu com o laboratório do IPA? Foi extinto. Essa marca desapareceu, foi para outros lugares, não vou entrar em detalhes.

O que aconteceu no terceiro governo? Vamos fazer uma biofábrica, agora maior ainda. Então, nesta altura, já tínhamos informação de que os cubanos dominavam essa técnica com novas tecnologias e ele fez contato diretamente com o embaixador de Cuba e, em seguida, vários contatos. O fato é que tivemos apoio dos cubanos, quando digo tivemos foi o conjunto do governo, Secretaria de Ciência e Tecnologia, Secretaria de Agricultura, o IPA, para fazer em Goiana uma biofábrica de cana.

1996- Biofábrica de cana-de-açúcar



Vista parcial



Sala de crescimento



Vitroplanta com 45 dias de transplante

Construída em 1996-1997 na Estação Experimental do IPA, em Itapirema – Goiana: produção de mudas, sementes de cana-de-açúcar, com tecnologias que permitem a introdução de novas cultivares mais produtivas e livres de doenças.

Mesmo afastada do Recife esta biofábrica começou a produzir semente de cana. Doutor Arraes tinha também a preocupação com a irrigação. O fato é que todos sabem que a produtividade da cana no Nordeste é relativamente baixa, consegue-se tirar 50 toneladas por hectare. Na estação do IPA em Goiana, com cana de boa qualidade e irrigação subterrânea – que ele descobriu na Ilha da Madeira – conseguiu-se produzir 200 toneladas de cana por hectare, simplesmente quatro vezes mais do que a média da Zona da Mata. Essa biofábrica de cana, terminado o terceiro governo, foi privatizada. Ela ainda existe, mas o governo entregou-a inteiramente a uma empresa para tomar conta porque isso não é coisa do governo. É lógico que para o pequeno produtor ou o governo toma conta ou ele não tem como fazer.

1996- Biofábrica de cana-de-açúcar



JORNAL DE TODOS

PE produz clone da cana



Uma cana com qualidade e pureza

Alguns recortes de jornais daquela época. “Pernambuco produz clone de cana. Cana de pureza e alta qualidade”.

1998- Biotecnologia para a Agricultura

Eudes Santana

1/5/1998

Estado investe em biotecnologia

Pernambuco ganha um Centro de Engenharia Genética e Biotecnologia. A pedra fundamental será fixada na próxima terça-feira, dia 6 de maio, pelo governador Miguel Arraes e pelo embaixador de Cuba no Brasil, Sanches Parodi, na Estação Experimental do IPA, no distrito de Itapirema, em Goiana. A presença do embaixador cubano se dá pelo fato daquele País estar estreitamente ligado a Pernambuco no desenvolvimento e intercâmbio de pesquisas e biotecnologia e engenharia genética.



O melhoramento genético em culturas como a cana-de-açúcar é uma realidade no campo experimental do Ipa

Foi criado também no papel e começou-se a instalação de um Centro de Biotecnologia, também em Goiana, na Estação do IPA, que não teve continuidade.



Lula vence a eleição de 2002. Doutor Arraes, como todos sabem, pleiteou para o PSB a gestão do Ministério da Ciência e Tecnologia. Influenciou naturalmente para que fosse criada na gestão do ministro Roberto Amaral a Secretaria de Ciência e Tecnologia para inclusão social, de forma que o MCT passou a ter uma ação voltada para desenvolvimento e inclusão sociais. Na Finep, onde assumi a presidência, criamos uma superintendência nova da tecnologia social. O Doutor Arraes influenciou para a criação do Instituto Nacional do Semi-Árido e influenciou para a criação, aqui no campus da UFPE, onde há o Centro Regional de Ciências Nucleares, o Cetene (Centro de Tecnologias Estratégicas do Nordeste), hoje regido pelo Jucá, o mesmo que estava no Itep naquela época. O que ele diz para o Jucá, para vários companheiros? “Tem de se fazer uma biofábrica de cana”.

CETENE
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA
CENTRO DE TECNOLOGIAS ESTRATÉGICAS DO NORDESTE



BIOFÁBRICA GOVERNADOR MIGUEL ARRAES

"Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo"

A BIOFÁBRICA

CULTIVO *IN VITRO* NA SEDE (CAMPUS DA UFPE)






MUDAS CLIMATIZADAS EM CATENDE


O PLANTIO


RESULTADOS ESPERADOS
MAIS AÇÚCAR
MAIS CANA


ALEGRIA DO POVO

Então, temos hoje uma biofábrica de cana...

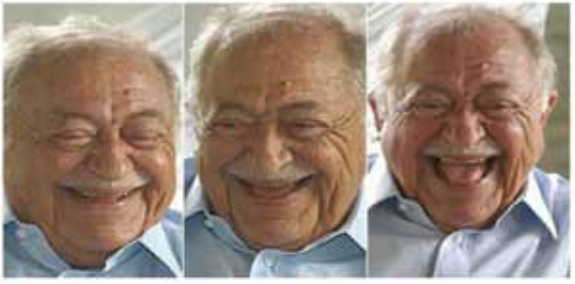


Política Nacional de C,T&I

Eixos estratégicos

- Expansão e Consolidação do Sistema Nacional de C,T&I
- Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior
- Objetivos Estratégicos Nacionais
- C&T para a Inclusão Social

Uma boa imagem para o PSB



Muito obrigado Dr Arraes



ARIANO SUASSUNA

Escritor, dramaturgo e membro da Academia Brasileira de Letras

Em 1964, a pedido de Leda e Hermilo, eu escondi Hiran na minha casa. Hiran estava ameaçado. Tinha sido nosso companheiro no Nordeste. Era meu amigo pessoal. Vinha, se não me engano, do Seminário, mas este estava muito visado, e então, Leda e Hermilo foram lá em casa perguntar se eu tinha condições de receber o Hiran. Eu disse: "Tenho, vamos embora". Minha mulher estava com o bucho enorme, grávida da minha filha Mariana que está aqui presente. Hiran chegou lá em casa de noite, escondido, e na hora que chegou disse: "Que pacote lhe arranjaram, Ariano!". Ele ficou lá em casa comigo.

Com medo de um dia, e na frente de outras pessoas, deixar escapar o nome Hiran, resolvi que em casa ele seria Gilvan porque se eu dissesse Hiran, diria que tinha engolido o "G". Então, ele tinha o nome de Gilvan. Agora, do lugar de onde ele vinha seu nome era Horácio porque era com as mesmas letras dele. Então, Horácio escrevia-se com "H".

Para vocês verem como são as coisas. Um dia, chegou na minha casa, naqueles primeiros dias de 1964, uma amiga nossa, boa e excelente pessoa. Estávamos tomando café, e ela nos pegou em flagrante. Agora, vejam vocês como é a situação. Chamei essa pessoa à parte e cochichei: "Eu queria um favor seu. Não diga a ninguém que viu essa pessoa aqui em casa. Ele está aqui porque é um parente meu, matou uma pessoa lá no sertão da Paraíba". Vejam vocês como era a situação, era melhor passar por matador do que por comunista.

Um dia, um caminhão do exército chegou e parou na minha casa, ficou lá parado um tempão e foi embora. Em seguida, chegou o recado de um vizinho dizendo que eu tomasse cuidado porque estava correndo boato na rua que tinha alguém escondido na minha casa. Hiran que tinha experiência me disse: "Ariano, já está bom de eu ir embora, já está bom de eu me mudar". E articulou com as pessoas que vieram buscá-lo. Elas estavam com a informação anterior. Bateram lá em casa de noite, Zélia atendeu e lhe disseram: "Horácio está aqui?" Zélia disse: "Não." "Não está". "Não". Eles foram embora. Quando fui contar a Hiran ele disse: "E eu estava lá, meu Deus!" Daqui a pouco volta o pessoal. "E Horácio?" Eu disse: "Chegou".

Ao levarem Hiran lá de casa eu comentei: "Olhe, vou lhe dizer uma coisa. Não quero saber para onde você vai, não. Para onde você vai não quero ter a menor idéia, não é por mal, não, é porque se me prenderem eu não agüento, não, basta puxarem meus cabelos, basta puxar um molho de cabelo meu que vou entregar você. E, assim, se eu não souber, não vou entregar nem à força, porque aí eu não sei mesmo, mesmo que ele puxe meus cabelos, não tenho como dizer". E foi embora. Depois, telefonava para mim, com a freqüência que era possível e dizia: "Ariano, é o Pacote". Eu já sabia que era ele. Como sabia quando Zélia ia dar à luz, uns três ou quatro dias depois, telefonou para saber se tinha tido menino, se era mulher ou homem. Contei-lhe que tinha nascido a Mariana.

A outra referência que quero fazer é às palavras de Renato Rabelo que disse aqui de passagem um fato que me tocou muito. É que Doutor Arraes ajudou o Primeiro Congresso de Cantadores que houve no Recife. Tenho orgulho

de dizer que fui eu que abri o caminho para isso. Em 1946, no sertão do Ceará, e agora vou tocar numa pessoa que aqui esteve, uma pessoa a quem hoje sou ligado, há três gerações passadas. Fui ao sertão do Ceará e lá conheci um grande cantador chamado Dimas Batista. Eu estava, neste tempo, no primeiro ano da universidade, fazia parte do Diretório e propus que fizéssemos uma cantoria no Teatro Santa Isabel. Vocês não podem imaginar o que era isso em escândalo na época.

Então, trouxe Dimas Batista, Otacílio Batista, que é o irmão dele, Lourival Batista, que era o avô de Antônio Marinho, este poeta que falou aqui agora há pouco, e mais um poeta popular de sobrenome Flores. Eu trouxe para o Santa Isabel uma cantoria promovida pelo Diretório da Faculdade. A gente não tinha como pagar os cantadores. Eu disse a eles: "A gente vai ter que arriscar; se a bilheteria der, o que der é de vocês". E eles vieram. Acho que dei neste dia a primeira aula-espetáculo na minha vida, porque apresentei esses cantadores no palco do Teatro Santa Isabel. Mas, o ambiente era tão hostil que o diretor do teatro disse para mim: "Mas você quer trazer cantador de viola para um palco onde falaram Joaquim Nabuco e Castro Alves?". Aí, eu disse a ele: "Doutor, eu queria saber era a opinião de Joaquim Nabuco e Castro Alves, porque eu tenho certeza de que eles iam gostar". Eu tenho certeza!

Ele fez questão de que metade da renda fosse para dar aos cantadores e a outra metade daríamos ao Instituto de Cegos. "Eu vou conceder, mas quero ressalvar minha responsabilidade". Ele escreveu assim: "Tendo em vista a destinação filantrópica de metade da renda, eu concedo".

Essa cantoria foi um êxito tremendo. Vinte de setembro de 1946, no Teatro Santa Isabel. Primeira vez que cantador de viola pisava o palco do Santa Isabel. E foi enchendo, lotado o Santa Isabel, completamente lotado, foi um êxito enorme. Houve um incidente curiosíssimo. Não vou dizer o estado para não dar uma gafe, mas tinha umas pessoas que não eram daqui. Uns estudantes. Parece que eles ficaram incomodados, ao ver o êxito que os cantadores estavam tendo. Ou, então, ficaram entusiasmados e queriam participar um pouco. Resolveram fazer o que

hoje se chamaria performance. Subiram dois no palco. Um ficou assim com as mãos nos bolsos, em pé. O outro se postou atrás, enfiou as mãos por debaixo dos ombros e a graça era a história. Enquanto o da frente falava, o de trás fazia gestos completamente desbaratados.

Quando terminou, a platéia aplaudia assim delicadamente, esses aplausos que vemos aqui. Mas não prestou, porque o avô de Antônio Marinho, Lourival, nesse momento eu tinha anunciado que eles iam cantar um estilo chamado gemedeira. Tem um refrão, tem seis versos de sete sílabas, sendo que antes do último verso, diz-se: "Ai, ai, meu Deus". Por isso que se chama gemedeira. Ou "Ai, ai, oi, oi", conforme o gosto. Quando os estudantes saíram e os cantadores começaram a cantar, Lourival fez uma sextilha que eu nunca esqueci. Diz assim: "O de trás dava banana" – sim, porque teve uma hora que ele fez este gesto – "o da frente discursava, quanto mais um se inchiria, mais o outro se encostava; atrás ainda tinha um jeito, Ai, Ai, meu Deus, na frente é que eu não ficava".

Tendo em vista esse êxito de 1946, os próprios cantadores se organizaram sob a liderança de um deles chamado Rogaciano Leite, e organizaram o primeiro Congresso de Cantadores, em 1948. Foi nesse congresso que o Doutor Arraes revelou uma compreensão muito maior que a do diretor do Teatro Santa Isabel a quem eu me referi. Doutor Arraes que era secretário da Fazenda do governo do dr. Barbosa Lima apoiou e, por isso, a realização desse congresso foi possível.

A outra coisa que quero falar a respeito do Doutor Arraes é uma lembrança pessoal. Todos aqui que o conheciam sabem que ele não falava muito alto, ao contrário, falava muito baixo. Quando foi um dia, ele já eleito governador mandou convidar – Dona Madalena estava viajando – a mim e a Zélia, para irmos com ele a um espetáculo de Bibi Ferreira. Achamos estranho, mas fomos. Um espetáculo musical. Doutor Arraes falou comigo o tempo todinho. Eu não entendi nenhuma palavra do que ele falou. Mas, com o respeito que eu tinha a ele, fazia sinal de concordância com a cabeça a tudo que era dito. Ele falava umas coisas e eu balançava a cabeça.

Quando terminou o espetáculo, vínhamos no carro dele eu, Zélia e ele calado. Quando chegamos na frente da nossa casa, que era defronte à dele, aí

ele disse: “Pois é, Ariano, acho que temos de fazer alguma coisa pela nossa cultura”. “É verdade, Doutor Arraes”. Zélia que é mais confiada do que eu, disse: “Ariano, Doutor Arraes vai convidar você para secretário de Cultura”. “Não disse isso, ele disse que deveríamos fazer alguma coisa para a nossa cultura”. Não deu outra. Era mesmo. Eu acho que ele tinha me convidado lá no teatro. Uns dois ou três dias depois disso, ele mandou Eduardo Campos lá em casa, para formalizar o convite.

Bom. O que eu quero dizer como depoimento... esse mesmo interesse que já se demonstrou aqui que Doutor Arraes tinha pela Ciência, ele tinha pela Cultura. Ele tinha um enorme respeito pela Cultura, dava a ela uma importância enorme. No dia em que ele formulou mesmo o convite, eu estava com medo. Primeiro, porque era uma responsabilidade muito grande e eu disse: “Doutor Arraes, eu estou com um medo tão grande, porque nos tempos de hoje, basta a pessoa exercer um cargo público, para ficar sob suspeita; eu tenho medo. Não que vão achar que sou ladrão, mas tenho medo que roubem sem eu saber”. Dona Madalena que tem um bom senso enorme, disse: “Não, Ariano, se a sua preocupação é esta, você pode aceitar, porque lá não tem dinheiro, não. Você não vai poder ser acusado porque não tem o que roubar lá”.

O que eu quero dizer é que Doutor Arraes me deu todo o apoio. Nunca me negou nada. Outra coisa: resolvi formular um programa por escrito, um projeto que o meu querido amigo Evaldo Costa, que nesse tempo era da Companhia Energética de Pernambuco (Celpe) imprimiu e foi comigo levar para o Doutor Arraes. Para vocês verem as coisas a que estamos sujeitos quando se exerce um cargo público. Nunca nenhum secretário tinha apresentado um projeto. Tomamos posse em janeiro. Apresente esse projeto em abril. O comentário era assim: “Até que enfim o secretário Suassuna apresentou um projeto para o estado. Nunca ninguém tinha apresentado.

Pois bem. Quando entregamos aquele projeto ele o olhou, folheou-o e disse: “Você não precisa fazer mais nada, não. Basta esse projeto”. Isso me deu uma alegria muito grande. Ele disse com essas palavras mesmo. “Você não precisa fazer mais nada, na Secretaria. Basta esse projeto”.

Aí, ele apoiou as idéias que, talvez, parecessem mais estapafúrdias ainda do que a cantoria que fiz em 1946. Vocês vejam, por exemplo. Eu sempre levei muito em conta nas minhas análises da formação da sociedade brasileira e da cultura brasileira, em particular, uma frase de dr. Alceu Amoroso Lima, Tristão de Ataíde, pessoa de quem eu gostava muito e admirava muito, como Doutor Arraes e Dona Madalena. dr. Alceu tinha escrito uma frase que dizia": "Do Nordeste para Minas corre um eixo, que não por acaso, segue o rumo do rio São Francisco, o rio da unidade nacional. A esse eixo o Brasil tem de se voltar de vez em quando, se não quiser se esquecer de que é Brasil". Essas palavras de dr. Alceu eram mais importantes ainda, porque ele não era nem nordestino, nem mineiro. Era um grande brasileiro nascido e criado no Rio, e teve compreensão para entender isso.

Desde que li essa frase, fiquei procurando com qual seria a expressão plástica da ponta mineira do eixo. E cheguei à conclusão de que seria o Santuário de Congonhas, onde estão os doze profetas esculpidos em pedra pelo Aleijadinho. Então, disse a ele: "Doutor Arraes, vou querer construir aqui uma réplica, uma resposta. Vai ser lá em Belmonte". No sertão, no meio do tempo, tem as duas pedras do Reino, e eu vou construir uma espécie de santuário ali, para assinalar a ponta nordestina do eixo". Ele não conversou: "Está certo".

Li, não faz muitos dias, um jornalista de São Paulo descrevendo o santuário que estamos fazendo lá: "Descrito assim à distância, parece um delírio de Ariano Suassuna". E é, mesmo. Reconheço que é. Mas eu achava: eu sou um escritor, lido com símbolos. Então, eu achava que tínhamos de marcar esse eixo, inclusive, porque eu estava atento. Eu li a carta que Doutor Arraes mandou ao presidente da República, protestando contra a privatização da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (Chesf). Ele falava da importância do São Francisco, dizia que o rio era um símbolo, e, por isso, não podia ser privatizado. E é verdade para quem conhece o rio e a Chesf. Olhe, a Chesf é o resultado do sonho, do delírio – já que o jornal falou em delírio –, de Delmiro Gouvea, que foi o pioneiro do aproveitamento da cachoeira de Paulo Afonso. O que aquilo representou de imaginação e de coragem só muito poucas pessoas podem imaginar. Delmiro Gouvea contratou, inclusive,

um engenheiro italiano, mas não avisou ao pobre engenheiro o que era aquilo. Quando o engenheiro chegou lá e viu que tinha de descer aquela enorme parede de pedra junto com a cachoeira, o engenheiro disse: “Não vou, não”. Ele disse: “Vai! Vai porque vai comigo”. Puxou revólver e botou na cabeça do engenheiro e disse: “Desce, ‘bora’”. Desceram os dois. Foi assim que começou para fazer a fábrica de linha e agulha que ainda cheguei a conhecer e era concorrente da linha inglesa “Corrente”, que começou a ser ameaçada.

A linha “Corrente” procurou, inclusive, Delmiro Gouvea para comprar a fábrica dele, ele se recusou e, de repente, apareceu misteriosamente morto. O filho de Delmiro vendeu a fábrica. Os ingleses tinham comprado a fábrica para destruí-la. Quer dizer, Delmiro Gouvea tinha construído toda uma vila operária, tudo aquilo que representava de emprego, de desenvolvimento e eles compraram, pegaram as máquinas e jogaram dentro do rio porque não se interessavam pelo desenvolvimento, eles estavam evitando a concorrência.

O Doutor Arraes estava perfeitamente consciente da importância simbólica, inclusive, do que representava o Rio São Francisco. Então, eu convidei para começar o trabalho um escultor popular, cuja história irei me referir para vocês verem como é importante uma oportunidade na vida de um homem. Eu chamei para trabalhar comigo o grande escultor popular Arnaldo Barbosa. Vejam uma coisa curiosa, Arnaldo Barbosa me conheceu porque começou a namorar a Dedé, Maria José, menina que tomava conta, que nos ajudava a tomar conta de nosso tio. Ele começou a namorar com ela, era um homem do povo.

Quando foi um dia, Dedé chegou junto a mim e disse que Arnaldo estava fazendo palha e que queria me mostrar, tinha mandado por ela uma palha para eu ver. Quando eu olhei tive um desgosto, não podia ser pior, não, era uma palha horrorosa, representava uma jangada, um coqueiro, uma lua. Horrível. Eu desconversei, disse qualquer coisa a Dedé. Mas, Dedé voltou um dia e disse: “Eu queria que o senhor arranjasse um emprego para Arnaldo”. Isso foi até antes de ver a palha. Eu tinha um amigo, Carneiro Leão, que tinha uma fábrica nesse tempo, o neoliberalismo ainda não tinha acabado com as fábricas de tecido de Pernambuco. Mandei uma carta para Marcelo e ele colocou Arnaldo lá

como operário. Mas, Arnaldo, por três ou quatro vezes se embriagou, fez uma desordem, quebrou o armário e Marcelo chegou a mim e disse: "Ariano, seu protegido fez uma desordem lá, está dando mau exemplo aos outros trabalhadores. Vou demiti-lo". Eu concordei e ele o demitiu. Uns quatro dias depois dessa demissão, chegou Dedé de novo: "Arnaldo está tentando um emprego numa firma de vigilância, mas precisa de uma carta de recomendação. O senhor dá?" "Dou". Eu passei a carta: "Senhor Diretor da Empresa de Vigilância. Aí vai meu amigo Arnaldo Barbosa, cidadão exemplar, nunca bebeu..." Eu ia deixar um brasileiro desempregado? E lá foi Arnaldo. Mesma coisa, em quatro meses fez uma desordem, embriagou-se e foi botado para fora, foi aí que ele me mandou a palha e eu desconversei.

Quando foi uns dois ou três meses depois ela me disse: "Ele está vendendo palha na frente do Hotel Boa Viagem". Mais uns dois ou três meses depois, ela chegou com um desenho que Arnaldo tinha mandado para mim. Não podia ser mais feio, não. Horrível. Ele tinha visto um filme horroroso americano chamado Sansão e Dalila, e tinha desenhado Sansão, um sujeito fortíssimo, os bíceps... o camarada de cintura bem fina, de calção, de bota, uma imagem do Super-Homem, mais ou menos, e, junto, o leão mais feio que o Sansão ainda. Agora, do lado de lá, para equilibrar o leão, ele tinha desenhado um bicho esquisito, bonito, forte, uma espécie de onça com asa. Eu disse: "Olha, Arnaldo, esse resto aqui não presta, não, é uma lavagem cerebral que você sofreu, todos nós sofremos. Você só vê história em quadrinhos e vai e faz isso. Mas, isso aqui, é bonito, é forte. Por que você não faz suas palhas com isso?" Ele disse: "Porque se eu fizer assim eu não vendo".

Nesse tempo eu era diretor do Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco. Eu disse a ele: "Pois olhe, quanto você ganha vendendo suas palhas?" Ele disse: "Ganho uns trezentos cruzeiros por mês". "Pois a universidade vai lhe dar trezentos cruzeiros por mês para você fazer palha desse jeito, do jeito que você entender". Ele começou a fazer. Eu disse: "A gente vai incorporando ao patrimônio da universidade as obras que você fizer". Com isso comecei, inclusive, o patrimônio que hoje tem o Departamento.

Ele começou a fazer e eu lhe disse: “Arnaldo, por que você não faz isso em três dimensões? Em vez de palha por que não faz escultura em madeira?” E ele fez. A primeira escultura que ele fez foi esse bicho de asa que, depois, teve a gentileza de me dar de presente. Começou a fazer de madeira e foi tomando gosto e ganhou o prêmio no salão. Eu lhe disse – foi quando o Doutor Arraes tinha me chamado para secretário de Cultura – “Vamos agora partir para a pedra porque os grandes momentos de escultura em todo o mundo são aqueles em que os escultores usavam a pedra”. Começamos a fazer no governo do Doutor Arraes. As três primeiras esculturas foram feitas com o apoio do Doutor Arraes, fizemos o Cristo-Rei, uma Nossa Senhora e São José, que é o padroeiro do Município de São José do Belmonte, e eu aproveitei o fato e fiz a Sagrada Família.

Quando o Doutor Arraes saiu do governo, pessoas que o tinham apoiado, como o Fábio, Dilton da Conde, me ajudaram e eu continuei com o trabalho deles. Quando foi impossível continuar com o apoio deles recebi apoio da iniciativa privada. O fato é que agora novamente estou recebendo o apoio da Chesf e aquele delírio de Ariano Suassuna está prestes a se concluir. São 16 esculturas, já tem 11 prontas, chama-se Alumiar a Pedra do Reino – Homenagem a Aleijadinho. Eu queria prestar essa homenagem, quer dizer, assinalando com a Alumiar a Pedra do Reino a ponta primeira do eixo.

Queria, então, dizer aqui, neste momento em que se funda o Instituto Miguel Arraes que isso foi possível graças a meu sonho, e graças à confiança que o Doutor Arraes teve em mim como secretário de Cultura.

ANTÔNIO MARINHO

Durante a campanha (sem querer dar nenhum perfil político a esse ato) no último comício na Praça do Carmo, eu disse ao Doutor Arraes que eu não tinha o peso de Ariano Suassuna, como artista, mas se parassem as acusações eu também parava de declamar. E, agora, repito a vocês que não tenho peso

de Ariano Suassuna, o mestre de todos nós, mas essa minha última palavra também quero dedicar na pessoa de Ariano e familiares de Miguel Arraes, ao Arraes poeta e artista que foi e pouca gente sabe, mas ele escrevia, era um poeta e apaixonado pelo seu povo e pela cultura de seu povo.

Quero recitar este poema, com o qual sempre abro recitais, e oferecer ao eterno governador de Pernambuco, Doutor Arraes, na pessoa do nosso eterno secretário de Cultura, o mestre Ariano Suassuna. E, digo o seguinte:

"Senhores críticos, basta deixar-me passar sem pejo
Que o trovador sertanejo vem sem **.....**
Sou da terra onde as aves são todas de cantadores
Sou do pajeú das flores
Tenho razão de cantar.
Não sou Manoel Bandeira, Drumond, nem Jorge de Lima
Não espereis obra-prima deste matuto plebeu.
Eles cantam suas praias,
Palácios de porcelana.
E eu canto a roça, a choupana
Canto o sertão de **.....**
Vocês que estão no Palácio
Vêm ouvir o meu pobre pio.
Não tenho cheiro do vinho,
Das uvas frescas do Lácio,
Mas tenho a cor de Inácio
Da Serra da Catingueira.
Um cantador de primeira
Que nunca foi a escola,
Pois não houvesse feito a foice

Do caçador cortar cana,
São de cima pra baixo
Tanto corta quanto espana,
Sendo de baixo pra cima
E do cabo se dana.
O meu verso vem da lenha,
Da lasca do Mar Vermelho
E vem do centro da Mata
Trazida pelo lenheiro.
E, quando chega na praça
É trocada por dinheiro.
O meu verso tem o cheiro
Da carne assada na brasa
Quando a carne é muito gorda,
Esquentando, a graxa vaza
E a graxa vaza no forno
E o cheiro invadindo a casa.
Aqui é minha oficina,
Onde eu conserto e remendo.
Quando é ferro eu corto,
Quando é pequeno eu emendo,
Quando falta ferro, eu compro
Quando sobra ferro, eu vendo.
Meu verso é feito a cigarra,
Um velho tronco a sonhar,
Que canta uma tarde inteira
Só para quando estourar.

Eu troco tudo na vida
Só pelo prazer de cantar.
Quem foi que disse:
Professor de que matéria,
Que o sertão só tem miséria,
Que só é fome e penar?
Que a paisagem .....
Enfiada numa estaca
Fazendo a fome chorar?
Não pode nunca imaginar
O som que brota da cantiga de uma grota
Quando a chuva cai por lá.
O cheiro verde da folha do marmeleiro,
E o amanhecer caatingueiro
No bico do sabiá.
Tem murumbu do vermelho,
Mas vive puro.
E tem o verde mais seguro
Que tinge os pés de juá.
A barriguda mostrando
O branco singelo e a força
Do amarelo na casca umbu-cajá.
Eu assisti o matuto pé-de-serra
Que tudo que fala
É que não pôde estudar
Só fala versos matutos, obsoletos,
Feitos por analfabetos que

Mal sabem se expressar.
Falam no sul com deboche
Que isso é cultura
De só comer rapadura
Como se fosse um manjar.
Saiba que aqui tem a ver com capoeira
E o mel da flor caatingueira
É mais doce que o mel de lá.
Temos poesia que exalta
O que é sentimento,
E a força do pensamento.
Quem sabe improvisar
Tem verso livre,
Tem verso parnasiano.
E, mesmo longe do oceano,
Tem galope à beira-mar.
Zefa Tereza ensinou que pra um caboclo
Entrar na roda de coco
Tem que saber rebolar,
Soltar um verso na roda
Que se balança, no movimento da dança,
Fazer o corpo rodar".



EDUARDO CAMPOS

Governador eleito de Pernambuco

Queria dar uma boa tarde para todos e para todas e cumprimentar a mesa, na figura de Madá; agradecer ao reitor Amaro Lins pela acolhida no dia de hoje, em seu nome cumprimento toda a comunidade acadêmica e científica aqui presente; agradecer a presença entre nós dos companheiros da direção nacional do PSB, que aqui vieram num ato de homenagem e reconhecimento à vida, ao pensamento e à obra do Doutor Arraes. Agradecer aos companheiros dos mais diversos partidos aqui representados na figura do presidente nacional do PCdoB, companheiro Renato Rabelo. Dizer que para nós este é um momento carregado de muitos sentimentos. Ao longo das apresentações que tivemos aqui, ficou claro o quanto é importante o ato de construirmos o Instituto Miguel Arraes, para que ele seja o instrumento em que poderemos ver o pensamento, a obra e a vida do Doutor Arraes servirem para o futuro, exatamente porque ele sempre foi um homem além do seu tempo, que pensou sempre no futuro. Mesmo aos oitenta anos, Doutor Arraes sempre falava para os vinte, trinta anos na frente, sempre vivendo o presente, projetando a construção de um futuro diferente do que via naquele momento.

Hoje, a América do Sul, a América Latina, o Brasil, o Nordeste brasileiro, vivem um momento político em que o pensamento e a obra do Doutor Arraes estão na cabeça, no sonho e no desejo do nosso povo. Nunca foi tão atual o pensamento, o sonho e a luta que sempre marcou a vida do nosso guerreiro, do homem que muito nos ensinou a todos. É por isto que nesta instalação se fala no artista, no escritor, numa figura como Ariano Suassuna, aqui recita um

companheiro da minha geração, como Marinho. Aqui fala Sérgio Rezende em nome desta instituição, em nome da cidade, em nome do sistema nacional de ciência e tecnologia. Mostra a relação que eles tiveram e como se encontraram com o governador Arraes.

Exatamente pela compreensão de um homem que sempre pensou a construção da nação, que ela não se faz sem que guardemos a identidade cultural do nosso povo como uma forma de reagir à dominação econômica, à dominação, às vezes, física, mas a resistência do pensamento faz com que o povo possa garantir a sua integridade. E a importância, hoje, mais ainda do que há quarenta, cinquenta anos atrás, quando o Doutor Arraes começava na militância política, de que o conhecimento é fundamental para que possamos transformar a sociedade, construir uma sociedade equilibrada.

Este conhecimento sempre esteve no poder da elite econômica, que detém o poder político no Brasil. Quando falamos em democratizar o conhecimento e as marcas ao longo da ação do administrador Miguel Arraes, há sempre um esforço para fazer com que o povo compartilhasse do conhecimento, para construir a sua libertação. Eu lembrava há pouco com a Madá, que no discurso de posse de 1963, o governador Miguel Arraes falava em colocar a ciência e a técnica a serviço da libertação do nosso povo, das amarras de dominação que são impostas à maioria da nossa gente.

Então, não é por acaso que no ato de instituição do nosso instituto, falam aqui os artistas, os que buscam conhecimento e falam também políticos que compartilham com o que aqui bem falou o nosso Renato Rebelo, que compartilham do sonho e do desejo de construirmos uma nação bem distinta dessa realidade dura que temos hoje. Acho que o que deve unificar o democrático e popular no Brasil, ser de esquerda no Brasil de hoje é compreender que não dá mais para o Brasil ter um crescimento econômico medíocre e ter a maioria de nossa gente só com as políticas compensatórias.

Precisamos, enquanto nordestinos, e este campo teve uma larga vitória no Nordeste brasileiro, afirmar que a questão do Nordeste não é regional, mas

nacional. Nós poderemos ajudar no desenvolvimento de um país que tem vocação de uma grande nação, que precisa se desenvolver, que precisa sair do enquadramento em que se colocou esta nação por três décadas sem crescimento econômico, sem geração de riqueza que possa significar inclusão. Acho que este instituto também será um espaço para a discussão da grande questão nacional que desafia a esquerda brasileira. Não existem caminhos fáceis, nem soluções mágicas. É preciso que compreendamos que há um dever de casa para todos nós que é atuar num ciclo de desenvolvimento sustentável que respeite o meio ambiente, mas que ao mesmo tempo respeite enormes parcelas da nossa gente que se encontra jogada na miséria terrível e que nós temos de dar respostas que vão além dos programas que estão aí nas prateleiras do poder público.

Por isso, queria agradecer a presença de todos. Vamos viver hoje à tarde uma reunião da nossa direção nacional, vamos continuar até sexta-feira nos encontrando em alguns momentos, não para prestar homenagem ao Doutor Arraes, que nunca foi afeito a homenagens, mas reconhecendo o papel que ele teve, reconhecendo a sua importância, a importância do pensamento que ele ajudou a formar, e vendo que uma forma de matarmos esta enorme saudade é continuar o trabalho pela construção da missão que Arraes sonhou. Que nós possamos sonhar juntos, trabalhar e construí-la com o nosso povo.



LÚCIA MELO

Presidente do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos

É uma satisfação muito grande estar aqui no Lika para esta comemoração nos seus vinte anos. O Lika (Laboratório de Imunopatologia Keizo Asami) tem uma história muito próxima da minha vida profissional, aliás, eu e o Zé Luiz (José Luiz de Lima Filho, diretor do Lika) tivemos uma trajetória, em vários momentos, muito próxima, começamos nosso trabalho praticamente na mesma época e acompanhamos sempre os trabalhos de um e de outro. Então, de vez em quando, ao nos encontrarmos, comentamos esse fato e o acúmulo destes anos faz com que reunamos informações.

O que vou fazer aqui, na verdade, não é uma palestra. Acho que muito aqui já foi colocado e vou fazer o mesmo: um depoimento, mas um depoimento para o qual organizei algumas informações que estavam espalhadas na minha memória.

No ano passado, na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, na Fundação Joaquim Nabuco, à qual estou vinculada como pesquisadora titulada

do Departamento de Ciências e Ecologia, me dei a incumbência de falar na Semana de Ciência e Tecnologia sobre o Doutor Arraes. Achei uma oportunidade muito boa porque nunca tinha sistematizado e organizado algo que eu tinha, na verdade, vivido, vivenciado, por conta exatamente de uma coincidência temporal que foi muito satisfatória.

Quando a Elizabeth me ligou há duas semanas pedindo para eu fazer este pronunciamento, eu lhe disse: "Eu vou especialmente porque, primeiro, é uma homenagem ao Doutor Arraes, com quem tive o prazer de conviver, tenho um respeito, admiração, um entendimento muito especial da sua visão em relação à área; segundo, que é uma feliz coincidência porque também é o dia de aniversário de uma filha minha". Então, eu certamente estaria aqui e estas duas coisas se juntaram. E estar aqui no Instituto Ageu Magalhães, no Lika, é uma satisfação muito grande.

Trarei, como eu disse, não uma palestra, mas um depoimento, algumas imagens, algumas informações, porque às vezes é importante entendermos um pouco alguns pressupostos, alguns rótulos, algumas concepções, que se divulgam, se difundem, sem que haja uma sólida informação ou uma sólida história por trás dela. Então, é importante que tragamos, neste momento de homenagem o Doutor Arraes, um conjunto de reflexões e uma contextualização do seu pensamento em relação à questão do conhecimento, da ciência e da tecnologia. É disso que irei tratar, não tratarei de outras dimensões da reflexão do pensamento do Doutor Arraes.

Achei muito bom o título desta semana de homenagens: um olhar na história e uma visão no futuro. Ele é compatível com o que apresentarei aqui. Esse olhar na história e a visão no futuro estão muito presentes na trajetória do Doutor Arraes em relação à ciência e tecnologia em Pernambuco e no Brasil.

Havia uma perspectiva contemporânea, muito moderna, não necessariamente explicitada, mas muito intuitiva no Doutor Arraes em relação aos fenômenos e ao que o conhecimento poderia trazer para aquilo que era o foco principal de sua preocupação, a população mais carente, o povo brasileiro, entendendo que a inteligência do nosso povo era o principal capital que o Brasil dispunha. E aqui, o povo de uma forma mais abrangente significava aqueles que tiveram oportunidades

e se transformaram em pessoas formadas, treinadas, em condições de produzir conhecimento, e aquele povo que tinha o conhecimento associado às suas práticas, às suas convenções, às suas culturas. Isso era muito particular, muito próprio no entendimento do Doutor Arraes.

Havia sempre – e já foi dito aqui por mais de uma vez – um foco muito preciso no atendimento das necessidades dos mais carentes. Havia essa preocupação, o que era sempre um grande desafio para os cientistas que com ele conviviam ou o cercavam. O que os cientistas poderiam fazer e orientar o seu conhecimento para resolver problemas da população mais pobre?

Acompanhava, fazia uma visita a um laboratório de laser, entusiasmava-se com a infra-estrutura do Departamento de Física e perguntava: "Esse negócio aí não corta tudo? Por que não corta pedra no lugar do "cara" ficar no sol, batendo e tirando pedra?". Esse é um exemplo trazido sempre, a cobrança e a perspectiva de usar o conhecimento em benefício da população.

Havia também no Doutor Arraes um grande fascínio pela ciência. Isso eu pude também constatar em várias e diletantes conversas com cientistas, os mais diferentes, pessoas que visitavam o estado, pessoas da universidade ou algumas pessoas que ele se preocupava em conhecer porque ficava sabendo de alguns resultados de seus estudos ou de suas pesquisas que poderiam interessá-lo. Passava muitas horas conversando com estas pessoas e curiosamente lia os textos que lhes eram apresentados. De uma forma muito astuta, questionava-os profundamente. Muitas vezes estudava os assuntos para depois deixar algumas pessoas muito embaraçadas com suas perguntas. Isso era uma preocupação na aplicação do conhecimento em várias áreas, na questão dos alimentos, saúde, acesso à água no Nordeste, a questão da energia, mas tinha um carinho muito especial pela questão da cana-de-açúcar em Pernambuco.

Tudo que dissesse respeito ao conhecimento e tecnologia que estivesse relacionado à cana-de-açúcar era de especial interesse do Doutor Arraes. Isso não só trazia contribuições mais tradicionais, mas também uma visão de futuro muito importante, muito interessante que irei demonstrar mais à frente. Como

eu disse, era um leitor muito ávido, bastante criterioso, e ninguém levasse um documento que não pudesse explicar direito porque estava em maus pedaços, para que explicasse melhor o funcionamento daquelas técnicas.

Acho que tinha uma particularidade pela sua sensibilidade política, pela sua visão política, pela sua trajetória, de entender com muita clareza o papel da universidade. Entender que a universidade era um abrigo seguro do conhecimento. Isso significava que, algumas vezes, ao se discutir a instalação de laboratórios ou de grupos, instituições do estado ou do governo federal, ele sempre dizia: "Por que não na universidade? A universidade passa ao largo das disputas político-partidárias, que em nossa região, em nosso estado, muitas vezes, comprometem a continuidade e as ações de longo prazo". Ele não dizia precisamente sobre a ciência e a tecnologia porque não era da área de ciência e tecnologia, mas tinha o sentimento de que não dava para estar mudando aquelas atividades a cada período de governo, ou seja, a universidade era vista exatamente como aquele abrigo, onde o conhecimento prosperaria, onde se formariam gente e pessoas encarregadas de levar à frente os processos de construção de conhecimento e fazer com que se disseminasse para a sociedade.

Também tinha o Doutor Arraes uma preocupação de buscar informações e conhecimentos aonde eles estivessem; programas, parcerias e cooperação internacional, foram várias vezes estabelecidas. Desde muito cedo, à época de seu primeiro governo, tentou resolver o problema de saneamento de Recife, buscou em Oswaldo Lima, um dos principais e mais antigos cientistas pernambucanos, buscou em Aloísio Bezerra Coutinho, e outras pessoas daquela geração, as informações e os conhecimentos para tentar contribuir para a melhoria da qualidade da água e do saneamento neste estado. Portanto, não era porque ciência e tecnologia estavam na moda, era algo de uma percepção de que o componente do conhecimento podia ser transformador para a sociedade.

Tinha essa percepção do poder de transformação do conhecimento e algumas iniciativas, medidas que foram tomadas ao longo do seu percurso, como dirigente maior deste estado, merecem destaque porque ilustram esta visão ousada, moderna e contemporânea, que nem todos gostam de ver atribuídas a ele. Chamo atenção

para algumas dessas imagens ou informações que fortalecem o meu argumento da contemporaneidade da visão do Doutor Arraes em relação ao conhecimento e à potencialidade deste para a transformação da nossa sociedade.

Um marco importante mencionado aqui foi a criação do Lafepe (Laboratório Farmacêutico do Estado de Pernambuco) ainda também no primeiro governo. Mas, também, poucos sabem qual foi a origem da formação e da criação do Lafepe. Na verdade, tratava-se primeiro de uma empresa, uma drogaria privada que produzia um determinado tipo de medicamento que era importante para ser distribuído nos centros de saúde. Então, por meio do governo do Doutor Arraes foi feita a primeira parceria público-privada para que aquela drogaria começasse a produzir medicamentos para distribuição nos centros de saúde, e o excedente ela comercializaria. Isso é uma inovação institucional ainda hoje discutida. Como estabelecer as relações público-privadas para se acelerar a implantação de serviços, de negócios, em novas empresas? Hoje isso está sendo discutido pelos economistas mais desenvolvimentistas como o desafio da relação público-privada.

O Lafepe é uma história, um exemplo concreto, talvez, não conceitualmente pensado naquela época como estratégia, mas realizado, implementado dentro desta lógica. Tinha também o Lafepe uma preocupação já desde o início de ter suporte via universidade. O Instituto de Antibióticos foi e ainda é grande parceiro desta instituição, que coloca Pernambuco entre as lideranças do Brasil na capacidade de produção e fornecimento de medicamentos para o Sistema Único de Saúde. Resumindo, isto tem origem no primeiro governo de Miguel Arraes através de uma concepção moderna, ousada, de que era possível juntar os conhecimentos existentes nas universidades com a atividade produtiva que já existia comercializada, e que poderia reverter em benefício da população.

Na campanha de 1986 foram bastante intensas as discussões e os debates sobre a temática de ciência, tecnologia e inovação; naquela época se falava muito pouco de inovação, mas ciência e tecnologia eram assuntos permanentes. A campanha de 1986 foi bastante importante do ponto de vista

político, pois a redemocratização brasileira e todo este ambiente favoreceram um dinam ismo e um compromisso para que o segmento de ciência e tecnologia ganhasse formas reais, concretas e passasse a constituir uma orientação e uma área específica de governo no estado de Pernambuco.

Na Reforma Constitucional de 1988, Pernambuco saiu na frente. Exatamente em função da movimentação atrelada a este processo que ganhou vulto e dimensão na campanha de 1986, que várias pessoas aqui presentes foram protagonistas, como os professores Ricardo Ferreira, Fittipaldi, Sergio Rezende, hoje no ministério. Pernambuco tinha de ter algo que o diferenciasse em relação aos demais estados e tinha as condições e pré-requisitos para isso. Inspirávamo-nos, à época, no estado de São Paulo que já tinha um setor dinâmico funcionando há mais de 30 anos, alocando recursos para criar sua base científica tecnológica, compatível com o que o CNPq à época fazia para o Brasil todo. Ou seja, a idéia era que Pernambuco tivesse alguma coisa nessa mesma direção e intensidade.

Então, na Constituição Federal de 1988, Doutor Arraes teve uma ação decisiva para que esta estabelecesse uma cláusula que determinasse o investimento do estado em ciência e tecnologia. A sua participação foi definitiva porque em função do não entendimento compartilhado por alguns, tivemos a oportunidade de detectar um fato importante. Há uma história bastante contada que quando a Constituição Federal estava na sua redação final, um aluno de uma professora que tinha ligação com o professor Marcus, que foi uma das pessoas que batalhou para isso, telefonou e disse: “Tiraram da redação final o artigo que coloca dinheiro para ciência e tecnologia”. Esta informação foi preciosa. Houve uma mobilização imediata, fomos em grupo ao Doutor Arraes no Palácio e ele disse que não podia fazer nada porque era outro Poder, mas pediu que fôssemos para lá. Quando chegamos, percebemos que o Doutor Arraes já tinha telefonado para o deputado encarregado deste processo, e resgatou-se a inclusão na Constituição de Pernambuco de um artigo que determinava que o estado tinha de investir em ciência e tecnologia.

Isso não esteve na imprensa, não esteve na mídia, mas fomos testemunhas e é preciso que seja colocado e dito para um maior número de pessoas. Ou seja,

houve uma determinação e esta se concretizou de uma forma muito objetiva já em 1988 com a criação da primeira Secretaria de Ciência e Tecnologia do Nordeste e, em 1989, a primeira Fundação de Amparo à Pesquisa da região. Naquela época, quatro estados do Brasil tinham uma Fundação de Amparo à Pesquisa e quatro ou três estados tinham uma Secretaria de Ciência e Tecnologia. Hoje no Brasil são 27 fundações e todos os estados têm uma secretaria para assuntos de ciência e tecnologia.

Pernambuco foi o primeiro estado após a Constituição Federal a implantar a Secretaria e a Fundação de Amparo à Pesquisa, e começar a criar um fundo para ciência e tecnologia. Isso é algo extremamente relevante porque na época estava se reconstituindo o Ministério da Ciência e Tecnologia. Era uma época em que países como a Coréia estavam se estruturando para avançarem por meio de ministérios de ciência e tecnologia. Ou seja, havia um movimento mundial de valorização da dimensão da ciência e tecnologia como fator de desenvolvimento. Na década de 1980 isso se estabeleceu com clareza. Os países que estavam começando um processo de retomada ou aceleração do desenvolvimento estavam fazendo suas trajetórias fortemente acopladas a um processo de construção de competência interna de conhecimento, de ciência, de alta tecnologia e de formação de pessoas. Pernambuco estava em sintonia com os movimentos internacionais mais progressistas em termos de criar uma estratégia de desenvolvimento baseada no conhecimento.

Ainda como marcos importantes, eu reputo a percepção que tinha o governador Arraes de que isso não era assunto só de cientistas. Cientistas eram elementos muito importantes em fazer com que o conhecimento progredisse, mas esta necessidade de trazer o conhecimento para a atividade produtiva de uma forma mais rápida e ágil precisava ter outros tipos de atores, de cabeças, de cultura, de elementos. E isso foi sinalizado ao convidar um engenheiro com grande experiência em construção de montagem de fábricas, Sebastião Simões Filho, para ser o primeiro presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa. A escolha dele foi muito especial porque trazia para o embate, a conversa e para o entendimento alguém que se complementaria aos cientistas que, naquela época,

estavam muito voltados para seus laboratórios achando que fazendo pesquisas independentes, fazendo ciência com a produção de *papers* apenas iriam trazer desdobramentos para a sociedade. Era preciso acelerar este processo. Então, a introdução de Sebastião Simões na equipe foi um outro marco importante porque permitiu que se repensasse em uma maneira mais estratégica e mais profunda de como usar o conhecimento em Pernambuco para ajudar a transformar a região.

Sebastião Simões, da Facepe, juntamente com Sérgio Rezende, como diretor científico à época – ainda dentro da universidade –, imprimiram e empreenderam uma visão diferente. Era preciso que a Facepe não só desse bolsas, colocasse dinheiro no laboratório, apoiasse José Luiz que estava começando na atividade e outros que estão aqui – como a Elizabeth, o pessoal da Bioquímica, que vinham sendo apoiados intensamente também pela ação do CNPq via dr. Márcio Aurélio Lins –, mas que começasse a Facepe já naquela época a dizer que existem algumas áreas que têm de se induzir, temos de fazer com que cresça mais rápido e que dêem resultados mais imediatos. Então, criou-se um conjunto de programas que hoje é a prática comum. Nas agências de fomento, há recursos que são alocados para ampliar a base do conhecimento, mas a maioria dos recursos é focada na procura de resultados. Assim, a Facepe já tinha isso nas suas prioridades.

Ainda nessa gestão, no segundo governo do Doutor Arraes e o terceiro já se iniciando, houve umas estratégias muito profundas, por exemplo, de modernização do ITEP na contratação de doutores. Quero chamar a atenção que este assunto era tão delicado que, quando foi feito o edital de contratação de doutores e tecnólogos, houve um movimento dentro da Assembléia para impugnar o concurso porque não se podia fazer concurso para doutores. Tivemos de ir à Comissão de Ciência e Tecnologia explicar que para instituição de pesquisa tinha sentido chamar “doutores” no edital e não ser um edital aberto para qualquer concurso. Havia à época esta compreensão. Houve uma fixação de doutores e tecnólogos, a valorização da questão dos recursos hídricos, a energia alternativa, difusão da tecnologia, tudo isso foi implementado.

Criou-se, e foram apoiados, sistemas de difusão e gestão de recursos hídricos, compartilhamento de bacias que tinham impacto em todas as regiões do estado; a capacitação de professores de ciência foi muito intensificada. O diagnóstico brasileiro de que os nossos professores são frágeis e despreparados para ensinar ciência ainda é uma realidade, o movimento de capacitação destes professores se intensificou muito nos últimos anos, mas na gestão do segundo Governo Arraes houve um programa intenso de capacitação de professores na área de ciências, que mobilizou as universidades na oferta destes cursos de capacitação. O MEC ainda não atuava nisso e Pernambuco já tinha uma agenda nessa direção.

E, finalmente, a difusão no interior do estado da primeira rede digital promovendo a inclusão social e a integração de escolas na área, na linha e no novo mundo da internet. Esta rede digital que interiorizou-se devido a uma estratégia e uma política de inclusão digital a partir da disponibilização de acesso a um conjunto específico de cidades, municípios que poderiam participar de uma forma moderna e ativa no novo cenário de negócios e atividades produtivas que passavam a se desenvolver no mundo.

O fascínio do Doutor Arraes pela biotecnologia merece um destaque especial. Ele tinha uma curiosidade intensa sobre isso e proporcionou condições reais de capacitação e fixação de recursos humanos, de cooperação internacional com os melhores centros do mundo em biotecnologia aplicada à agricultura. Fizemos uma missão em 1986 a Cuba e participamos nós, Cabral, um técnico do IPA e o professor José Itamar, do Instituto de Antibióticos, para visitar os principais centros de pesquisa de cana-de-açúcar porque já naquela época Cuba usava a biotecnologia. Doutor Arraes ficou muito impressionado com as informações e ouviu falar dessa coisa de reprodução meristêmica, que cria biofábricas com plantinhas dentro dos vidros. Em Cuba já tinha, e ele queria colocar aqui. Então, identificamos que na Embrapa, no Rio Grande do Sul, tinha um grupo que usava essa técnica com morango. Ele mandou chamar o técnico da Embrapa, eu estive acompanhando essa audiência e ele perguntou: “Moço, lá vocês fazem morango,

aqui eu quero fazer batata-doce, cana, inhame". Foi o desafio colocado, fazer reprodução meristêmica, usar biotecnologia, criar a primeira biofábrica. O IPA foi sede da primeira biofábrica pública do Brasil. Havia uma empresa privada que estava se instalando, à época no Rio de Janeiro, mas o IPA teve o primeiro laboratório destinado a criar esta tecnologia aqui em Pernambuco.

Isso se desmanchou com as mudanças de governo etc., mas depois ressurgiu. A cooperação com Cuba se intensificou num segundo momento e a biofábrica foi retomada e recuperada e, hoje, é abrigada aqui no Cetene uma fábrica introduzindo metodologias e tecnologias ainda mais modernas. Mas, ainda vou chegar lá na frente, de qual a visão que se tinha, a percepção que tinha o Doutor Arraes da importância dessa tecnologia e dessa biofábrica e que não estava escrita em nenhum calendário.

Na biotecnologia, também, e mais posteriormente, o Doutor Arraes encontrou um nicho de oportunidades, que é o seguinte, pode-se usar geônica e proteônica para melhorar as raças de tantos animais, por que então não se tem o esforço para melhorar a cabra? Por que não há o esforço, por que não se estuda, por que não há tecnologia para a cabra? Porque este é um animal próprio dessa região. Se não formos nós mesmos a estudar isso, ninguém o faria.

Assim, tem-se uma percepção interessante de que para se produzir mandioca ou batata-doce, ou para criar cabra, é difícil de se chegar ao pequeno produtor analfabeto, desinformado e treiná-lo com práticas muito sofisticadas, provavelmente a capacidade de internalização desse conhecimento seja limitado. Mas, se você, na cadeia do conhecimento, traz para esse produtor um elemento ou um insumo de alto conteúdo tecnológico que melhore de pronto a sua produtividade, você terá feito impacto na produção final daquele bem. O que quero dizer com isso? Se pego uma planta que é trabalhada com biotecnologia e produzo essa semente num laboratório sofisticado (precisa ser sofisticado), em Recife ela acelera essa mesma planta para um agricultor que está no interior, onde a condição dele de introduzir tecnologia é baixa. Levo-lhe uma semente altamente desenvolvida e a produtividade dele irá crescer. Então, essa compreensão de que era possível ao longo da cadeia você ter

inserções de alta tecnologia, estava presente nas estratégias de ciência e tecnologia que foram implementadas.

Desta forma, a melhoria da qualidade dos rebanhos e o primeiro a ser estudado aqui foram os caprinos. Toda uma infra-estrutura de equipamentos e de laboratórios que foram implantados, inclusive, aqui no Lika, é que permitiram que se gerasse competência aqui em Pernambuco nas áreas hoje mais sofisticadas de biotecnologia no mundo.

O que se precisa ainda fazer? É necessário ampliar essa densidade, é ter mais gente, mais investimento, mas a base inicial foi construída. As condições para iniciar o processo vigoroso de utilização destas tecnologias estão postas aqui na Universidade Federal de Pernambuco.

Outro avanço é na questão de produção de proteínas para uso animal a partir de um substrato importante da carcenicultura, atividade altamente empregadora de mão-de-obra pouco qualificada, e altamente dependente de conhecimento sofisticado. Isto porque a contaminação, a questão da alimentação, o controle de qualidade que este processo precisa ter pressupõe laboratórios sofisticados, acompanhando e monitorando estes elementos que se encontram na produção.

Estas são iniciativas que estão em curso e que foram fortemente fomentadas por meio da visão e da participação direta de Doutor Arraes. Isso não é algo que estivesse num plano de governo e alguém executando, era algo que cada um a cada dia discutia sua percepção e sua compreensão.

Mas, não era apenas na área agrícola que havia os interesses e a compreensão. Houve também uma clara evidência da sua percepção em relação às áreas tecnológicas de fronteiras associadas à parte de *hardware*, ou seja, a parte de eletrônica, de semicondutores. Foi com essa intenção que foi criado no governo um parque tecnológico voltado para o setor de eletroeletrônicos. Havia por aqui uma idéia de que no Brasil não tem jeito, nessa área não vamos avançar, que só temos de mexer com *software* porque só precisa de gente, a área de *hardware* é uma área perdida. Mas, ainda assim, havia a compreensão do Doutor Arraes de que era preciso

ter competência porque em algum momento pode-se aproveitar isso, pois irá gerar outras oportunidades, outros desdobramentos. E ele estava certo, ele antecipava uma tendência de que – embora o *software* seja algo extremamente importante, relevante e dá um diferencial competitivo mais rápido, mais fácil – criar competências nas áreas mais robustas, mais *hardware* de tecnologia desencadeia outras competências que são necessárias ao surgimento de outros setores econômicos. Então, o Parque Tecnológico Eletroeletrônico foi criado para uma parceria com o desenvolvimento tecnológico envolvendo universidades, empresas, centros de pesquisa. Este parque, infelizmente, foi bastante minimizado, mas percebo que está ressurgindo e temos uma grande expectativa de que no Governo Eduardo Campos voltemos a considerá-lo como estratégia importante para Pernambuco, dentro dos nichos de oportunidade que os novos semicondutores nos trazem. Se teve competência no anterior e não tivemos condições de nos inserir globalmente; nos novos temos, sim, porque nossos grupos de pesquisa têm condições de dar resposta a isso. É uma visão complementar àquela visão de uso da tecnologia para agricultura apenas. É o uso de tecnologia para um conjunto muito mais expressivo de tecnologias.

Demonstrarei também que essa sintonia, no milênio que se inicia, é o projeto dos objetivos do milênio que a ONU estabelece, para que em 2015 alguns indicadores no mundo, que são vergonha para a humanidade, que dizem respeito a uma expressiva maioria da população que passa fome, a maioria da população que vive em pobreza absoluta, sejam erradicados. Estes oito objetivos que vão da erradicação da pobreza à universalização da educação com igualdade de gêneros, mortalidade infantil, saúde, combate a doenças, como malária e outras, a sustentabilidade ambiental e a cooperação para o desenvolvimento, estão estabelecidas pelas Nações Unidas e foi um projeto entregue e encomendado às mais sofisticadas universidades americanas, entre elas, as de Columbia e de Harvard, para dizer o que a ciência pode fazer para resolver estes problemas da humanidade. Era a mesma pergunta que o Doutor Arraes sempre fazia: "Vocês que são cientistas, que publicam *papers*, que informam, o que vocês podem fazer para essa população? Como vocês podem usar esse conhecimento?" Ou seja, a contemporaneidade do pensamento que está alinhado com o mais moderno pensamento global.

Nessa visão de futuro e nessa visão da modernidade, eu trago para 2007 alguns desafios que as oportunidades estão identificadas para o Brasil e que são fortemente dependentes de uma competência naquela área, que era uma preocupação enorme do Doutor Arraes, de uma tecnologia para a cana-de-açúcar.

O Centro que dirijo hoje está envolvido em um grande estudo sobre a questão do etanol no Brasil para sermos o maior produtor e exportador de etanol do mundo. O Brasil com a chance de substituir 5% a 10% da gasolina mundial com o etanol. O Brasil ser o mais importante país a ajudar e a contribuir com as ameaças do aquecimento global. Todos estão percebendo, sabendo, que a ameaça que temos em relação ao aquecimento global é real, não é mais ficção científica. É algo que em poucos anos teremos de ter uma outra agricultura, uma outra atividade hídrica, as cidades estarão fortemente impactadas por este aquecimento global e a perspectiva no mundo – porque isso é uma agenda que está sendo posta e cobrada ao nosso país – é que o Brasil contribua produzindo intensamente etanol de cana-de-açúcar. É o produto, o biocombustível mais competitivo, não há nenhum outro insumo biológico ou bioquímico que possa hoje substituir a cana com vantagem.

Então, o que resta ao Brasil como estratégia? Isso está sendo desenhado. Há uma expectativa, por exemplo até 2025, de investimentos anuais da ordem de 10 bilhões por ano nas áreas de agricultura, indústria e logística; geração de 5,3 milhões de empregos com essa expansão possível que o Brasil terá dessa nova cana. Em 2025, há uma demanda estimada em 104 bilhões de litros por ano de etanol, as exportações podem significar 31 bilhões e uma contribuição ao PIB de 153 bilhões. Ou seja, é um crescimento assustador e impressionante de áreas que estarão incorporadas a esta estratégia para que o Brasil possa aproveitar essa vantagem comparativa que tem. O Brasil é o único país do mundo que tem área agrícola e tecnologia disponíveis para essa expansão.

Mas, neste horizonte de 10, 20 anos, há um desafio que está colocado. É o desafio tecnológico, porque embora tenhamos muitas terras, outros países estão investindo muito em tecnologias, principalmente naquelas que podem neutralizar a vantagem que temos com a cana. Então, por que eu trouxe este elemento para cá?

Porque é exatamente a dimensão do desenvolvimento tecnológico que irá fazer a diferença daqueles espaços brasileiros que serão contemplados e beneficiados com este movimento de expansão da cana-de-açúcar. E o estado de Pernambuco, em especial, tem hoje uma situação muito delicada, porque ao contrário do Brasil como um todo e de outros estados, não tem muitas áreas de expansão, portanto, teria de ter um fortíssimo componente tecnológico. Um fortíssimo componente tecnológico como aplicações da biotecnologia, da nanotecnologia, dos cultivares, das tecnologias de hidrólise e de outros processos de mecanização, que Pernambuco possuia, mas se esvaziaram bastante nos últimos anos.

Então, não nos preparamos para esta oportunidade que o Brasil tem e que é reconhecida globalmente. Na agenda de ciência e tecnologia do Doutor Arraes isso sempre esteve presente. Por que não avançar em novos cultivares de cana, por que não incorporar biofábrica, por que não introduzir modernização na atividade de produção de cana-de-açúcar? Ou seja, tinha uma visão de futuro muito clara de que, embora uma atividade secular extremamente exploratória, é muito relevante do ponto de vista estratégico para o futuro do estado. Isto é uma forma de entendimento, uma visão de quem está olhando hoje, mas mirando lá na frente, mirando no futuro.

Para finalizar, eu diria que podemos, sem sombra de dúvida, atribuir ao Doutor Miguel Arraes, com esta sua visão de futuro, um importantíssimo papel na definição dos pilares do sistema de ciência e tecnologia, e inovação de Pernambuco. Houve um grande incentivo ao fomento, embora em patamares ainda reduzidos. Por vezes, eu trocava idéias com ele, dizendo: “Doutor Arraes, este dinheiro da Facepe é muito pouco, não dá para nada”, ao que ele respondia: “Este estado é que tem pouco dinheiro, temos de fazer com que tenha mais para colocá-lo na Facepe”. Chegou um momento, do qual fui protagonista (eu era presidente da Facepe e Sérgio Rezende era o secretário de Ciência e Tecnologia), em que a Facepe estava numa situação muito difícil e resolvi conversar com o Doutor Arraes. Eu não ia toda hora ao encontro dele. Poucas vezes, eu conversava com o Doutor Arraes, mas nessas poucas vezes, nossos entendimentos eram sempre muito profundos. Num certo dia resolvi pedir-lhe uma audiência e só

fiz avisar o secretário: “Vou falar com o governador” (em respeito à hierarquia tem-se que avisar). Fui falar com o governador: “Doutor Arraes, a situação da Facepe é insustentável – isso foi em 1995 –, o senhor criou a Facepe e fui parte deste processo, conversávamos várias vezes, alguns assessores nem gostavam dessa idéia dizendo que isso de criar mais alguma coisa é própria do pessoal de universidade. Para ficar neste patamar acredito que ela deva ser fechada. Do jeito que está só gasta dinheiro, não tem resposta, é ineficiente e estamos fazendo um papel um pouco complicado. É melhor fechá-la, o senhor que a criou, agora vá fechá-la”. Ele então me perguntou: “Lúcia, qual o mínimo que você precisa? Só posso dar o mínimo”. Eu lhe disse: “Só quero uma coisa, que seja o mínimo, mas seguro. Não mais ter de ficar correndo todo mês atrás, se tem ou não dinheiro”. “Nós vamos estabelecer um mínimo”. Ligou para o então Secretário da Fazenda e, a partir daí, o mínimo que podia ser dado foi discutido e nunca mais a Facepe, no governo dele, deixou de receber aquele mínimo que ele determinou. Com isso foi possível alavancar recursos de outras fontes, atuar de uma forma pequena, mas consistente e permanente. Ou seja, tinham essas inserções que ele fazia que não precisava estar na mídia, não precisava estar divulgando, mas num momento desse é importante que a história seja resgatada, que seja contada.

Hoje, vejo discussões em nível nacional, por exemplo, que apontam que a agenda que está em curso no Brasil, a agenda da inovação tecnológica, atrai um conjunto muito grande de limitações jurídicas que impedem o processo. O Ministério da Ciência e Tecnologia avançou, criou todos os instrumentos necessários para que a empresa brasileira se torne mais inovadora, mais competitiva e esbarra na burocracia, porque a lei de licitação mexe aqui, a outra legislação mexe acolá, o Tribunal de Contas fiscaliza todo mundo e não deixa ninguém andar. Mas, esta semana tivemos um seminário em São Paulo, reunindo exatamente empresários, universidades, os órgãos de controle jurídicos, e nele a opinião majoritária é que para funcionar alguma coisa no país que realmente vá romper o tradicional, tem de vir do dirigente maior. Ou o presidente da República coloca isso na agenda e diz que é para ser feito ou as coisas terminam não acontecendo. Eu concordo absoluta e inteiramente com esta visão. Isso se dá nos Estados Unidos quando o seu presidente é que determina

que irá crescer 10% e dobrará em 10 anos os investimentos em pesquisa. É uma determinação trazida a partir de uma visão da instância mais alta. Como na China, falando num outro extremo, quando o Deng Xiao-Ping decidiu que a China ia saltar patamares a partir de uma carta de cientistas que diziam: "A China não tem futuro se não investir em conhecimento nestas áreas tais e tais". Esta carta é famosa porque tem um despacho do Deng Xiao-Ping dizendo que é para fazer e já. A partir daí, na China, onde havia outros processos políticos que estavam acontecendo em termos de investimento, conhecimento em tecnologia e recursos humanos, passou a agilizar este processo e hoje é o principal país em desenvolvimento que cresce em termos de geração de conhecimento, de atração de investimentos de estrangeiros, às taxas mais elevadas.

Então, o que isso quer dizer? Os exemplos práticos de utilização de ciência e tecnologia de ponta que favorecem o benefício econômico-social estiveram presentes em Pernambuco por determinação explícita do seu governador à época. As inovações institucionais foram, ao longo do tempo, estabelecidas e implementadas, como o exemplo do Lafepe, no qual se procura modelos amparados em processos nem sempre ancorados numa legislação muito boa, e que esteve presente em Pernambuco.

Os dois principais elementos ou mensagens que posso trazer da experiência e desse depoimento por ter vivido e vivenciado este processo, é que havia a clareza na visão e na compreensão do Doutor Arraes de como o conhecimento pode ser de fato levado a serviço da maioria da população. O conhecimento como elemento transformador e nesse entendimento de elemento transformador a partir do conhecimento, que hoje é a agenda global, a sociedade do conhecimento, estava introjetado nas estratégias e nas políticas que tinham a liderança de Doutor Arraes nessa hora. Tinha, portanto, uma visão de futuro e um projeto de país, um país menos desigual e que as competências brasileiras podiam, atreladas à cooperação com o mundo, tornar a sociedade mais igualitária. Mais igual a partir exatamente da exploração desta dimensão. Essa agenda de conhecimento e desenvolvimento é hoje o que predomina, todos os países estão procurando o seu caminho.

Trago com muita satisfação essa reflexão porque acho que é legítima, correta, atual e não é fruto de nenhum sonho, mas fruto de um processo que foi vivenciado por várias pessoas que estão aqui. É simplesmente a apresentação de uma história da qual fui protagonista e, talvez, os historiadores tivessem outros olhares, mas como protagonista do processo e como alguém que atua nesta área de estratégias de ciência e tecnologia e inovação, posso fazer com muita tranqüilidade a leitura desta visão moderna e contemporânea de Doutor Arraes, ancorada no conhecimento.

Muito obrigada.

Presenças registradas

1. Adilson Gomes
2. Adilson Gomes Filho
3. Aglailson Júnior
4. Alberto Machado
5. Alberto Neves Slazar
6. Aldo Gusmão
7. Alexandre Arthur de Sena Santos
8. Aluisio Lessa
9. Álvaro de Souza Fernandes
10. Ana Célia Cabral de Farias
11. Ana Lúcia Arraes de Alencar
12. Ana Menezes
13. Ana Paula Cavalcanti de Pontes
14. Ana Roberta Raposo de Melo (Betinha)
15. Ana Rosa Bezerra
16. Ana Rosa Ribeiro
17. Ana Sofia Cassundé
18. Ana Stella M. de Azevedo Teles
19. André Campos
20. André Longo
21. André Luiz Mota Pinho
22. André Wilson de Queiroz Campos
23. Angélica Tasso
24. Ângelo Rafael Ferreira dos Santos
25. Antonio Carlos dos Santos Figueira
26. Antônio Crispin Sobrinho
27. Antônio Domigos da Mota
28. Antônio Geraldo Cavalcanti
29. Antonio Marlos Ferreira Duarte
30. Antonio Moraes
31. Antônio Ricardo Accioly Campos
32. Antônio Stênio Barbosa Gomes
33. Antônio Valadares Filho
34. Argentina Bezerra de Mello Picchi
35. Argentina Marinho da Silva
36. Ariano Vilar Suassuna
37. Aristóteles José de Souza Silva
38. Arlindo Cavalcanti de Farias

39. Armando Monteiro Neto
40. Augusto Arraes
41. Auxiliadora Maria P. de S. Cunha
42. Ayres de Sá Carvalho Júnior
43. Beatriz Ivo
44. Benira Maia
45. Bismark Saraiva de Medeiros
46. Breno Cândido Ramos
47. Bruno Araujo
48. Bruno Moury Fernandes
49. Bruno Pereira Bezerra
50. Bruno Pereira da Silva
51. Bruno Rodrigues
52. Caio Cavalcanti Ramos
53. Carla Damiana dos Santos
54. Carla Lapa
55. Carla Seixas
56. Carlos Adilson Pinto Lapa
57. Carlos Alberto Soares Padilha
58. Carlos Correia de Albuquerque
59. Carlos Lapa
60. Carlos Moraes
61. Carlos Santana
62. Carlos Siqueira
63. Carlos Vital Tavares Corrêa Lima
64. Carlos Wilson
65. Carmem Silvia Arraes de A. Valença
66. César Rocha
67. Ciro Carlos Rocha
68. Ciro de Andrade Lima
69. Cleuza Pereira
70. Coronel José Alves
71. Dagmar Magalhães
72. Dagmar Maria Lopes de A. Sá
73. Dagoberto da Silva Dantas
74. Dalva Coelho
75. Dalvanice do Nascimento Araújo
76. Daniel Batista Passos Filho
77. Débora Michelle Araújo Daggy
78. Demétrius Fiorante
79. Dennis Araujo
80. Dilson de Moura Peixoto Filho
81. Dilton da Conti Oliveira
82. Diogo Monteiro
83. Dora Guerra
84. Dora Pires
85. Edgar Moury
86. Edivaldo Valentin da Silva
87. Edna França da Silva
88. Edson Alves de Moura Silva
89. Eduardo Henrique Accioly Campos
90. Eduardo José Batista Antunes
91. Eduardo Leocádio Jorge de Souza
92. Eduardo Macedo
93. Eduardo Melo Moura
94. Eduardo Passos C. C. Oliveira
95. Edvaldo Rodrigues
96. Edvânia Alves da Silva

97. Elina Lopes Carneiro
98. Eriberto Medeiros
99. Fabiana Andrade Lima
100. Fabiana da Silva Vasconcelos
101. Fabiana Galvão
102. Fernando Antonio Rodovalho
103. Fernando Bezerra de Souza Coelho
104. Fernando Soares da Silva
105. Francisco Olímpio da Silva
106. Gabriel José Dubeux Neves
107. Gedeone Francisco de Arruda
108. Georgina Demoldes dos Reis da Silva
109. Geraldo Coelho
110. Geraldo Domingos da Silva
111. Geraldo Freire
112. Geraldo Júlio de Melo Júnior
113. Gilberto José da Silva
114. Gilberto Rodrigues do Nascimento
115. Gilliatt Hanois Falbo Neto
116. Gilmar Antonio Santos de Oliveira
117. Gilton de Arruda
118. Glauce Mendes de Albuquerque
119. Gláucia Helena Sá Rossi
120. Gleycy de Lira Costa E Silva
121. Graça Araújo
122. Guilherme Aristóteles Uchoa C. Pessoa de Melo
123. Guilherme Uchoa
124. Hélio Ferreira Costa
125. Heloísa Lobo
126. Henrique Barbosa
127. Henrique Queiroz
128. Inaldo Sampaio
129. Indra Leal Soares
130. Inocêncio Gomes de Oliveira
131. Isaac Manacés de Albuquerque
132. Isaias Gomes de Oliveira
133. Isaltino José do Nascimento Filho
134. Ítalo Rocha
135. Ivan Rodrigues da Silva
136. Izael Nóbrega da Cunha
137. Jair da Costa Silva
138. Jair Justino Pereira
139. Jô Mazzarollo
140. Joana Campos
141. Joana Ferraz de Azevedo
142. João Alberto
143. João André Filho
144. João Belarmino de Souza Neto
145. João Bosco Barreto da Rocha
146. João da Costa
147. João de Andrade Arraes
148. João Fernando Coutinho
149. João Joaquim Guimarães Recena
150. João José de Melo
151. Jorge Gomes
152. Jorge Pedro Caggiano Perez
153. José Aglailson Queráveres

154. José Aluísio Lessa da Silva Filho
155. José Antônio H. Monteiro de Melo
156. José Antônio Montanha Filho
157. José Augusto C. de Farias
158. José Coimbra Patriota Filho
159. José Correia de Araújo Filho
160. José de Oliveira Brito
161. José Dirceu
162. José Felix dos Santos
163. José Inácio Cassiano de Souza
164. José Ivaldo Gomes
165. José Múcio Magalhães de Souza
166. José Queiroz de Lima
167. José Rosival Ribeiro dos Santos
168. José Severino Ramos de Souza
169. Josilene dos Santos Silva
170. Jovelina Aquino de Souza
171. Júlia Cavalcanti de Farias
172. Kátia Sette
173. Laura Gomes
174. Leocádia Alves da Silva (Leda Alves)
175. Leonardo da C. Gomes
176. Leonardo da Silva Arão
177. Leonardo Pereira de Siqueira
178. Leonardo Ramos
179. Leonildo Leandro da Silva
180. Leopoldo Alves Casado Sobrinho
181. Liana Loreto
182. Liane Biagini
183. Lindaci de Oliveira da Silva
184. Lourival Simões
185. Luciana Felix
186. Luciana Santos
187. Luciano Krause
188. Luciano Maurício de Abreu
189. Luciberto Xavier
190. Ludmila Carvalho
191. Luis Villar Lima
192. Luiz Gonzaga Marinho da Silva
193. Luiz Gonzaga Patriota
194. Lula Arraes
195. Lydia Barros
196. Madalena Arraes
197. Malu Mata
198. Manacés Francisco da Silva
199. Marcelino Martorelli
200. Marcelo Pereira
201. Márcia Wonghon
202. Marco Antônio Dourado
203. Marcos Antônio Ramos da Hora
204. Marcos Araújo
205. Marcos Arraes de Alencar
206. Marcos Coelho Loreto
207. Marcos José da Mota Cerqueira
208. Maria Antonieta Rocha Cruz
209. Maria Auxiliadora Sena
210. Maria Betânia Ávila
211. Maria da Conceição dos Santos Albuquerque

212. Maria das Dores de O. Montenegro
213. Maria do Amparo Almeida Araújo
214. Maria do Carmo F. de Araújo
215. Maria Emilia Pacheco
216. Maria Helena Mendes
217. Maria Niedja Guimarães
218. Maria Silvia Vidon
219. Maria Socorro de Oliveira Leão
220. Maria Tereza G. Lima
221. Maria Tereza Leitão de Melo
222. Maria Vânia Guedes
223. Mariana Arraes
224. Mariana Ribeiro
225. Mário Neto
226. Marisa Gibson
227. Marize Rodrigues
228. Mazaniel Dantas de Oliveira
229. Milton Coelho da Silva Neto
230. Moisés Florêncio de Oliveira Filho
231. Namoyr Lima de Barros
232. Newton Carneiro
233. Nilson Alfredo Duarte Gibson
234. Nivaldo Santino dos Santos
235. Odilon Cunha Filho
236. Orismar Rodrigues
237. Otávio Toscano
238. Ozias Santana de Lima
239. Pastor Cleiton Collins
240. Pastor Francisco Olímpio da Silva
241. Paulo Afonso Velozo Cintra
242. Paulo Fernando A Valença Correa
243. Paulo Valença
244. Pedro Arraes
245. Pedro Eurico
246. Pedro Ferreira de Moura Filho
247. Pedro Mendes
248. Pio Guerra
249. Raimundo Carreiro
250. Raimundo Pimentel
251. Ranilson Brandão Ramos
252. Raul Henry
253. Renata Echeverria
254. Renato Cunha
255. Renato Rabelo
256. Ricardo Dantas Barreto
257. Ricardo Soriano
258. Roberta de Andrade Lima
259. Roberto Amaral
260. Roberto Andrade Lima
261. Roberto Antônio Martins
262. Roberto Bitú
263. Roberto Muniz
264. Robson de Lima Andrade
265. Romero Fittipaldi Pontual
266. Rômulo Severino Morais Luna
267. Rosa Maria Ferreira Medeiros
268. Rosa Maria Melo J. de Matos
269. Ruberval Almeida

270. Sandoval Cadengue de Santana
271. Sérgio Dionísio Leite
272. Sérgio Machado Resende
273. Severina Beatriz Gomes
274. Severino Ferreira da Silva
275. Severino Pereira Leite Junior
276. Severino Ramos de Paiva
277. Silke Weber
278. Silvio Costa Filho
279. Silvio Vasconcelos
280. Socorro Cistra Barros
281. Tadeu Sávio Souza de Lira
282. Tânia de Andrade Lima
283. Tânia Maria Guedes Álvaro
284. Tânia Maria Rodrigues
285. Telga Gomes de Araújo Filho
286. Teresa Maia
287. Terezinha Nunes
288. Ulisses Souza Torres
289. Verônica Maria de Oliveira Souza
290. Wolney Queiroz Maciel

***

Produção Editorial



CLSW 302 – Bloco B – Sala 123
Ed. Park Center – Setor Sudoeste
CEP 70673-612 – Brasília, DF
Telefax: (61) 3033-3704 / 9986-3632
e-mail: tereza@intertexto.net
editorial.abare@gmail.com